



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

JÉSSICA ELEN CAVALCANTE SILVA

***NENHUM SUPERA OS PROFESSORES QUE DÃO AULAS
PRESENCIAIS, OS BONS: ENSINO DE HISTÓRIA EM
TEMPOS DE (IN) FORMAÇÃO DIGITAL***

JACOBINA-BA

2024

JÉSSICA ELEN CAVALCANTE SILVA

***NENHUM SUPERA OS PROFESSORES QUE DÃO AULAS
PRESENCIAIS, OS BONS: ENSINO DE HISTÓRIA EM
TEMPOS DE (IN) FORMAÇÃO DIGITAL***

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas *Campus IV* Jacobina, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^aMa. Maria Sandra da Gama

JACOBINA-BA

2024

JÉSSICA ELEN CAVALCANTE SILVA

***NENHUM SUPERA OS PROFESSORES QUE DÃO AULAS
PRESENCIAIS, OS BONS: ENSINO DE HISTÓRIA EM
TEMPOS DE (IN) FORMAÇÃO DIGITAL***

Trabalho de conclusão de curso submetido à Comissão Examinadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina – BA, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^aMa. Maria Sandra da Gama
Orientadora (UNEB)**

**Prof.^a. Dr.^a. Cláudia Pereira Vasconcelos
Examinadora (UNEB)**

**Prof.^a. Dr.^a. Polliana Moreno dos Santos
Examinadora (UNEB)**

JACOBINA-BA

2024



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos oito dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e cinco, às 19 horas e seis minutos, em sala virtual da Plataforma digital *Microsoft Teams*, vinculada ao componente de Pesquisa 2 (HI0080), ofertado de modo presencial nas dependências do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, situado à rua J.J. Seabra, cento e cinquenta e oito, nesta cidade de Jacobina, reuniram-se as Docentes Ma. Maria Sandra da Gama - orientadora (UNEB), Dra. Cláudia Pereira Vasconcelos - examinadora (UNEB) e Dra. Polliana Moreno dos Santos - examinadora (UNEB), para compor a Banca de Defesa Pública da discente **Jéssica Elen Cavalcante Silva**, tendo como título da Monografia: ***Nenhum supera os professores que dão aulas presenciais, os bons: Ensino de História em tempos de (in) formação digital.***

Após a apresentação e as observações das integrantes da banca avaliadora, ficou definido que o trabalho foi considerado **aprovado**, com nota **9,5 (nove e meio)**. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 20 horas e 41 minutos, e eu, Maria Sandra da Gama (Professora Orientadora), lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelas demais membros da Banca Examinadora.

Observações: a banca avaliadora recomenda a discente realizar algumas adequações e normatização da ABNT para o depósito da versão final do texto no repositório digital *Saber Aberto*.

Banca Examinadora:

Profa. Ma. Maria Sandra da Gama - orientadora (UNEB)

Profa. Dra. Cláudia Pereira Vasconcelos - examinadora (UNEB);

Profa. Dra. Polliana Moreno dos Santos - examinadora (UNEB)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Sandra Da Gama, Professor**, em 08/01/2025, às 21:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Polliana Moreno dos Santos, Professor**, em 08/01/2025, às 21:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?](https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **00105350522** e o código CRC **1C9C097F**.

Referência: Processo nº 074.7884.2024.0091853-04

SEI nº 00105350522

A vó Ziza, que sempre acreditou na educação como
caminho para transformação e liberdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à Deus em todas as suas formas de expressão por me sustentar nos momentos difíceis, por me fortalecer e me ensinar tanto nas conquistas quanto nas adversidades.

Agradeço ao meu companheiro e amor da minha vida, Erisvaldo Junior, por sido meu maior incentivador e apoiador do início ao fim desta graduação, impossível encontrar palavras que traduzam a importância que possui em minha vida e o quanto este trabalho e eu devemos a você, então, permanecerei assim, agradecendo em silêncio por todo apoio que ofereceu desde sempre.

Agradeço à minha família, meu irmão João Pedro e meu padrasto Gedson Santana, e especialmente, a minha mãe, Maria Helena Dutra, por todo apoio material e espiritual que você ofereceu desde o início deste sonho.

Agradeço aos meus avós, João Irineu e Francisca Cavalcante, e, especialmente, à minha querida vó Ziza, Dona Oscarlinda Pires. Sua crença firme de que a educação é o caminho para a transformação e a liberdade foi minha maior inspiração. Sua fé no poder do ensino tornou-se a força motriz que me impulsionou a persistir até aqui.

Agradeço ao meu pequeno, mas fiel, séquito de amigos, Ruth Moreira, Gabriel Oliveira, Suzy Veras, Sabrina Rodrigues, Jozias Junior e Raulindo Souza. Meu caminho pela graduação jamais foi solitário graças a vocês, que deram um significado ainda maior a esta jornada, cada um de vocês é parte do que me tornei. Um agradecimento especial ao nosso querido Elis Pedro, cuja amizade e apoio marcaram profundamente minha trajetória. Mesmo tendo sua vida ceifada muito cedo, sua presença e influência continuam vivas em cada passo que dei, e sua memória permanece uma fonte constante de inspiração para todos nós.

Agradeço ao meu melhor amigo e irmão de vida, Felipe Ferreira, pela amizade incondicional e pelo apoio constante ao longo dos anos. Sua amizade, que hoje sobrepõe a distância, foi fundamental na minha jornada, e sua contribuição na minha formação como pessoa vai além do que as palavras podem expressar.

Agradeço ao conjunto de pessoas que compõe a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – CAMPUS IV, dos servidores aos discentes, transitórios e permanentes, com quem convivi diariamente nesses anos de graduação.

Agradeço a todo o corpo docente do Curso de Licenciatura em História da UNEB – CAMPUS IV, pela contribuição que deram a minha jornada e por todo aprendizado que tive neste caminho.

Agradeço imensamente a minha orientadora, a Mestre Professora Maria Sandra da Gama, cuja dedicação, orientação e sabedoria foram essenciais para a realização deste trabalho. Sua competência profissional e seu compromisso com a docência são admiráveis, e sou profundamente grata por ter tido a oportunidade de aprender com você.

Agradeço às professoras Dras. Cláudia Pereira Vasconcelos e Polliana Moreno dos Santos, por integrarem a banca examinadora desta pesquisa. Suas contribuições são de enorme importância para o aprimoramento deste trabalho.

E por fim, agradeço a minha filha, Amelie, que ainda no meu ventre, foi a força motriz para seguir em frente nesse final tão desafiador. Você é a razão pela qual este trabalho, assim como todos os meus esforços, têm um propósito ainda maior.

RESUMO

Esta monografia resulta de uma investigação empírica que teve como objetivo principal analisar a relação de estudantes dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II do *Colégio Tempus*, em Jacobina-BA, no período de 2023 e 2024, com o consumo de conteúdos históricos divulgados no *YouTube*. Para tanto, os aspectos teórico-metodológicos se sustentaram nos conceitos de consciência histórica, tomado a partir de Jörn Rüsen, em diálogo com historiadores brasileiros estudiosos de sua obra, como Luís Cerri (2011), Maria Auxiliadora Schmidt (2005) e Estevão de Rezende (2001), e de cibercultura, conforme concebe Pierre Levy (1999); já o trato com os questionários aplicados aos alunos, que resultaram em dados quantitativos e qualitativos, foi guiado pela noção de pesquisa-ação, proposto por David Tripp (2005). Os resultados apontam que, embora os estudantes considerem o *YouTube* uma ferramenta útil para complementar o aprendizado de História, surgem desafios relacionados à qualidade e à verificabilidade das informações, especialmente nos conteúdos com viés ideológico. A pesquisa aponta para a necessidade de uma orientação crítica dos professores frente à diversidade de narrativas históricas disponíveis no ambiente digital, sobretudo no *YouTube*. Embora a plataforma aparente ter um grande potencial educativo, ela também apresenta riscos de assimilação de narrativas enviesadas dos fatos históricos. Assim sendo, destaca-se o papel relevante da mediação do docente em História, neste contexto contemporâneo tão desafiador, como fundamental para auxiliar a/o discente na construção de seu próprio sentido de orientação sobre temporalidade e historicidade, identificando e analisando o movimento dos acontecimentos e eventos históricos, constituindo sua consciência histórica.

Palavras-chave: Ensino de História. Consciência histórica. História pública. *YouTube*.

ABSTRACT

This monograph results from an empirical investigation whose main objective was to analyze the relationship of 8th and 9th-grade students from *Colégio Tempus* in Jacobina-BA, in the period 2023 and 2024, with their consumption of historical content disseminated on *YouTube*. The theoretical and methodological aspects are based on the concept of historical consciousness, as developed by Jörn Rüsen. This foundation is further supported by the contributions of Brazilian historians who study his work, including Luís Cerri (2011), Maria Auxiliadora Schmidt (2005), and Estevão de Rezende (2001). The research also incorporates the concept of cyberculture, as conceived by Pierre Lévy (1999). The analysis of questionnaires applied to the students, which resulted in quantitative and qualitative data, was guided by the notion of action research proposed by David Tripp (2005). The results indicate that, although students consider *YouTube* a useful tool to complement the learning of history, challenges arise regarding the quality and reliability of information, especially in content with ideological bias. The research highlights the need for critical pedagogical intervention by history educators in addressing the diversity of historical narratives available in the digital environment, especially on platforms such as *YouTube*. Although the platform demonstrates considerable educational potential, it also presents risks related to the internalization of biased narratives of historical events. Therefore, the study underscores the indispensable role of the history teacher in this highly challenging contemporary context. Their guidance is fundamental in assisting students to construct their sense of orientation regarding temporality and historicity, identify and analyze the dynamics of historical events, and develop their historical consciousness.

Keywords: History Teaching. Historical Consciousness. Public History. YouTube.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1: Usuários de internet por atividades multimídia realizadas na internet.....	29
Gráfico 2: Utilização do <i>YouTube</i>	30
Gráfico 3 – Conteúdos assistidos no <i>YouTube</i>	30
Figura 1 – Uso do <i>YouTube</i> como ferramenta de aprendizado no Brasil.....	34
Figura 2 – O Canal <i>Nostalgia</i> – <i>Layout</i> do canal.....	36
Figura 3 – Estrutura dos Quadros do Canal <i>Nostalgia</i>	36
Figura 4 – Assuntos de História no <i>YouTube</i>	37
Gráfico 4 – Canais históricos mais assistidos.....	38
Figura 5 – <i>Thumbnails</i> dos vídeos.....	39
Gráfico 5 – Conteúdo dos vídeos assistidos no <i>YouTube</i>	45
Tabela 1 – Razões para utilizar o <i>YouTube</i> como fonte de aprendizado.....	46
Gráfico 6 – Continuidade da utilização do <i>YouTube</i>	54
Gráfico 7 – Frequência de uso do <i>YouTube</i> para conteúdos de História.....	55
Gráfico 8 – Conteúdos de História mais buscados no <i>YouTube</i>	55
Gráfico 9 – Conexão entre eventos históricos e questões do presente.....	56
Gráfico 10 – Uso do <i>YouTube</i> para complementar o aprendizado.....	56
Gráfico 11 – Compreensão dos conteúdos históricos a partir dos vídeos.....	57
Gráfico 12 – Pesquisas adicionais após assistir vídeos.....	58
Gráfico 13 – Aspectos importantes para assistir os vídeos.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA DIGITAL.....	18
1.1 Consciência Histórica.....	23
1.2 História Pública.....	26
CAPÍTULO 2 - YOUTUBE COMO OBJETO DE ENSINO E PESQUISA NA EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DESAFIOS E REFLEXÕES.....	33
CAPÍTULO 3 - A AUDIÊNCIA ESCOLAR NO YOUTUBE.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICE.....	67

INTRODUÇÃO

Muito antes de pensar em realizar esta pesquisa, uma indagação vinha me acompanhando há bastante tempo, especialmente após a experiência vivenciada enquanto estava cursando a disciplina de Estágio Supervisionado. Nesse período, trabalhei com uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública, e, logo no início, fui inserida no grupo de *WhatsApp*¹ da turma, pela professora regente, para que pudesse compreender como era estabelecido o contato com os alunos fora do espaço escolar, e, como eram encaminhadas atividades e materiais extraclasse. Foi então que observei uma prática recorrente: o envio de *links*² de vídeos do *YouTube* relacionados a conteúdos históricos. Esses vídeos eram indicados pela professora para que os estudantes assistissem, seja como forma de se preparar previamente para as aulas, seja para complementar o que já havia sido abordado em sala.

O primeiro vídeo recomendado desde a minha presença no grupo foi um do *Canal Nostalgia*, produzido pelo influenciador digital Felipe Castanhari, mencionado ao longo desta pesquisa. Esse momento despertou uma indagação que passou a me acompanhar: seria mesmo possível promover aprendizagem histórica por meio dos vídeos do *YouTube*? Essa questão, inicialmente surgida de uma observação prática, tornou-se, alguns anos depois, o ponto de partida para reflexões mais profundas que culminaram na realização deste estudo. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que há unanimidade entre os estudantes quanto a utilidade do *YouTube* como ferramenta para o aprendizado em história. Entretanto, um questionamento adicional emergiu: essa forma de aprendizagem é capaz de fomentar uma consciência histórica crítica?

Deste modo, um dos objetivos deste trabalho reside na discussão sobre o ensino de História no contexto da cultura digital, trazendo uma reflexão de como as tecnologias da informação influenciam as relações humanas e o campo educacional, principalmente o campo do Ensino de História. Outro objetivo se refere à análise e discussão dos dados empíricos dos usos que os estudantes fazem dos canais de História que assistem no *YouTube*. Embora haja um número significativo de pesquisas que tomam o *YouTube* como objeto de estudo no campo da

¹ Aplicativo de mensagens instantâneas lançado em 2009, que permite comunicação por texto, voz e vídeo, além do compartilhamento de arquivos e localização em tempo real.

² Termo em inglês que significa “ligações” ou “vínculos”. No contexto digital, refere-se a hiperlinks, que são elementos clicáveis em páginas da *web* ou aplicativos que direcionam o usuário para outro conteúdo ou endereço eletrônico.

Educação, este trabalho se justifica, principalmente, pela ausência de investigações semelhantes realizadas na cidade de Jacobina, Bahia.

Esse estudo, ao focar nos usos do *YouTube* pelos estudantes, insere-se em um contexto mais amplo de transformação cultural e social proporcionado pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Desde o advento da internet, mais especificamente com a segunda fase de sua evolução, conhecida como *Web 2.0*, testemunhamos um dinamismo e vivemos em um ambiente marcado por fluxos contínuos de informações, que são compartilhadas de forma instantânea, sem restrições geográficas. Esse dinamismo trouxe impactos significativos para a educação, especialmente no ensino de História, onde a reflexão crítica é essencial. As mídias digitais, ao priorizarem o instante e o simultâneo, muitas vezes desestimulam o pensamento reflexivo, fundamental para a formação de uma consciência histórica, conforme argumenta Jörn Rüsen.

Nesse contexto, reconhecer a diversidade de materiais e os discursos sobre o passado, presente no ambiente digital nos impulsiona a questionar quais são esses materiais e quais narrativas eles transmitem. Dessa forma, investigar o que é escolhido para ser contado, como é narrado e quais efeitos essas operações têm sobre a formação da consciência histórica dos estudantes, recebeu um tratamento científico nesta pesquisa. Em particular, analisar como os estudantes utilizam o *YouTube*, uma das plataformas mais populares dessa era digital, buscou-se compreender se e como essas práticas podem tanto contribuir quanto dificultar o desenvolvimento de uma capacidade crítica e reflexiva sobre os conteúdos históricos.

Com base nessa circunstância, surgem algumas questões que permearam essa pesquisa: como as plataformas digitais influenciam na construção do conhecimento histórico na contemporaneidade? De fato, é possível se construir uma consciência histórica através de vídeo aulas disponíveis no *YouTube*? Quais desafios o(a) professor(a) de História enfrenta diante das diversas narrativas históricas presentes nos ambientes digitais? E como os estudantes avaliam e interpretam as informações históricas presentes na plataforma do *YouTube*?

Para tanto, foram utilizados dois procedimentos técnicos: a pesquisa bibliográfica, que teve como objetivo a constituição do referencial teórico sobre o qual o trabalho se estrutura, e, o levantamento de dados, que se realizou em uma abordagem quantitativa na análise de dados numéricos e qualitativa a respeito do fenômeno em questão e na interpretação das informações empíricas. A metodologia utilizada para coleta e análise dos dados dialoga com o esquema de pesquisa-ação proposto por David Tripp (2005). A pesquisa-ação se constitui em um método

processual e analítico que se baseia nos dados coletados em sala de aula, atuando como “uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, p. 445), desta forma, a investigação se orienta pelas contribuições dos discentes sobre o tema, bem como na prática docente.

Com base na experiência acumulada em sala de aula, tem-se observado que os estudantes recorrem cada vez mais às plataformas digitais como recurso complementar ao trabalho do professor(a). Contudo, percebe-se que, a historiografia acadêmica não se faz muito presente nos ambientes digitais, especialmente no *YouTube*. Como destaca Márcio Tavares (2015):

É cada vez mais necessário que os historiadores invistam tempo e pesquisa para compreender os esquemas de produção desses discursos sobre acontecimentos históricos desenvolvidos no âmbito da indústria cultural e do entretenimento e verificar como tais aportes narrativos refletem-se na maneira como a sociedade contemporânea tem-se apropriado do tempo passado e também se relacionado com ele. (2015, p. 15)

Como apontado por Tavares, a História se apresenta em diversos contextos, com a indústria cultural e as plataformas digitais ganhando cada vez mais relevância como veículos de disseminação dessas narrativas. O vazio pela ausência da historiografia acadêmica tem aberto caminho para que produtores de conteúdo se destaquem como fortes concorrentes dos professores, especialmente no campo do Ensino da História. Dessa forma, plataformas como o *YouTube* se tornam não apenas meios de entretenimento, mas também pode ser considerado local de aprendizado e espaços de disputas pela construção e disseminação de narrativas históricas, influenciando a maneira como os estudantes e o público em geral se relacionam com a história.

Nesse cenário, como observa Tarcísio Moreira (2018):

Entendemos que o *YouTube* se tornou uma ferramenta incrível na atualidade, praticamente qualquer indivíduo pode expressar-se por meio dele. Porém, é inegável que existam canais dentro da plataforma que estão produzindo conteúdos que poderiam ser considerados “a-históricos” ou “anacrônicos”, nos quais os fatos, acontecimentos e processos históricos estão sendo distorcidos ideologicamente para atender as demandas conservadoras da sociedade. (2018, p. 25).

Essa observação se reflete nos dados da pesquisa, que revelam que a plataforma desempenha um papel significativo no contexto educacional, sendo amplamente considerada uma fonte de aprendizado e, em muitos casos, uma ferramenta indispensável para complementar os estudos. Entretanto, a utilização da plataforma de forma acrítica traz desafios,

especialmente no que diz respeito a verificabilidade das informações divulgadas. Além disso, o *YouTube* se expandiu a ponto de atuar também como um espaço de produção econômica, desempenhando um papel relevante no mercado. Embora essa lógica de mercado democratize o acesso e a criação de conteúdo, ela traz desafios e ressalvas, principalmente no campo educacional, uma vez que democratizar a educação e torná-la mais acessível, não elimina riscos, seja na qualidade do material disponível, seja na influência econômica subjacente, afinal, como aponta Jurandir Malerba (2014), descobriram que o passado pode representar bons negócios.

Nesse sentido, torna-se essencial investigar como os estudantes, enquanto usuários da plataforma, se apropriam de seus conteúdos e os utilizam no processo de aprendizagem. Pensando nisso, foi feita uma investigação sobre o uso da plataforma como ferramenta de aprendizagem de História pelos estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II do *Colégio Tempus*³, uma instituição privada situada na cidade de Jacobina, Bahia. Os dados foram coletados através de um questionário, criado a partir do *Google Forms*, voltado a analisar a utilização da plataforma por esses alunos, considerando aspectos como motivação e finalidade para o uso, principais canais acessados e frequência de utilização da plataforma. Posteriormente, os dados coletados foram submetidos à análise exploratória de dados e à análise de conteúdo.

O campo escolhido para fundamentar essa pesquisa foi o ensino de História, com ênfase na abordagem da história do tempo presente. Essa escolha se justifica pela relevância de compreender como os eventos/fenômenos recentes e os processos históricos contemporâneos são trabalhados em contextos educacionais, especialmente diante das transformações provocadas pelas novas tecnologias e pelo uso crescente de plataformas digitais no ensino.

A história do tempo presente, conforme Delgado e Ferreira (2013, p. 24), “se dedica, na maioria das vezes, à pesquisa e à análise de experiências históricas específicas, espacialmente delimitadas e, portanto, pouco compatíveis com critérios universais e abrangentes de definições cronológicas”. Nesse sentido, essa abordagem prioriza análises localizadas e detalhadas, em contraste com as temáticas históricas mais abrangentes. Além disso, como as autoras afirmam “o que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais, é a

³ O nome *Colégio Tempus* foi adotado de forma fictícia para preservar a identidade da escola, considerando que a pesquisa aborda uma tendência ampla que abrange tanto instituições privadas quanto públicas. O foco principal está no processo de aprendizado e não nas particularidades de uma instituição específica. A escolha do termo “*Tempus*” foi intencional, fazendo alusão ao conceito de tempo, que está associado a várias dimensões importantes, especialmente no contexto da História.

proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo” (2013, p. 24).

Essa proximidade com o objeto de estudo dialoga diretamente com a proposta metodológica da pesquisa-ação, conforme descrita por David Tripp. Segundo o autor:

A pesquisa-ação tende a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo que altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética prática. (TRIPP, 2005, p. 447).

Essa abordagem, que transforma o contexto em que se insere, norteou a estrutura da pesquisa em termos metodológicos e de coleta de dados. Nesse processo, os dados foram coletados em dois momentos distintos: o primeiro em 2023, quando o questionário foi aplicado nas turmas de 8º e 9º anos; e o segundo em 2024, concentrando-se exclusivamente no 9º ano, aproveitando a continuidade de alunos que, no ano anterior, integravam o 8º ano e permaneceram na escola. Essa continuidade permitiu uma análise das mudanças e permanências nas práticas dos estudantes em relação ao uso da plataforma *YouTube* como ferramenta de aprendizado histórico.

Além de possibilitar essa análise, a pesquisa ampliou o diálogo com estudos de Comunicação e História. Nesse processo, foi possível identificar um crescente acervo de investigações que têm abordado o *YouTube* como objeto de estudo no campo da Educação, destacando sua relevância como ferramenta contemporânea e seu impacto nos processos de ensino e aprendizagem. Ao longo da investigação, também foi possível observar e problematizar a expansão de produções audiovisuais de História realizadas por entusiastas ou profissionais com um viés político conservador, cuja disseminação é potencializada pelas tecnologias digitais. Essa realidade é ainda mais complexa diante do que Carvalho (2018) chama de fenômeno de fragmentação da autoridade dos discursos sobre o passado, característica do ambiente digital.

Essa nova realidade multifacetada, marcada pelos desafios do uso das plataformas digitais, especialmente o *YouTube*, no ensino de História, orienta a estrutura deste trabalho. A partir dessa perspectiva, esse trabalho foi dividido em três capítulos e a organização dos mesmos buscaram, de forma articulada, apresentar fundamentos teóricos, metodológicos e analíticos que sustentaram a pesquisa. O primeiro capítulo analisa as transformações impulsionadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, com foco no impacto das plataformas digitais nos âmbitos educacional e cultural.

Para embasar essa discussão, o capítulo recorre a diversos autores que contribuem para a compreensão dessas mudanças. Pierre Lévy (1993-1999) explora as tecnologias da inteligência e o conceito de *cibercultura*, enquanto Michel de Certeau (1982) discute a verificabilidade do discurso histórico. Marcela Albaine (2019) traz uma reflexão sobre o ensino de História e a historiografia escolar digital, e Maria José Vicentini Jorente (2012) aborda o impacto das tecnologias de informação e comunicação na educação. Maria Lígia Prado (2021) defende a importância do ensino de História nas escolas, e Paulo Freire (1996) enfatiza a educação como um processo dialógico e participativo, essencial para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica.

Além desses, o capítulo também aborda a concepção de consciência histórica, com ênfase na perspectiva do historiador alemão Jörn Rüsen, que é analisada e aprofundada por historiadores como Luís Cerri (2011), Maria A. dos Santos Schmidt (2005) e Estevão de Rezende (2001). Nesse mesmo contexto, é trazida a discussão de letramento histórico de Peter Lee (2016), que enfatiza a importância de uma leitura crítica e contextualizada da história, fundamental para o desenvolvimento de uma consciência histórica mais profunda. A reflexão sobre a consciência histórica, envolve, portanto, não apenas a compreensão do passado, mas também a capacidade crítica de relacionar ao presente e futuro, o que se torna ainda mais relevante no ambiente digital contemporâneo.

Por fim, o primeiro capítulo ainda aborda o conceito de História Pública, discutido por diversos autores, incluindo Sônia Meneses juntamente com Juniele Rabelo de Almeida (2018), Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2020), Bruno Leal (2018), Jurandir Malerba (2014) e John Palfrey e Gasser (2011). Esses autores contribuem para refletir sobre como a produção e a intenção de compartilhar conhecimento histórico fora do ambiente acadêmico, circulando por diferentes meios e tecnologias.

O segundo capítulo trata do *YouTube* como uma plataforma em ascensão no campo da educação, abordando os desafios e reflexões que surgem com o seu uso no contexto educacional, especialmente no campo da História. O capítulo discute a plataforma como uma ferramenta que tem sido utilizada para complementar o aprendizado, destacando sua popularidade no Brasil e entre o grupo estudantil. Contudo, também são discutidos os desafios relacionados à qualidade e à verificabilidade das informações, com destaque para os conteúdos produzidos por entusiastas, historiadores com viés político e profissionais de outras áreas. Nesse processo, a pesquisa se fundamenta além das análises de dados coletados no *YouTube* e no questionário, em autores como Jurandir Malerba (2014), Flávia Caimi (2015), Bernard

Charlot (2016) e Márcio Tavares dos Santos (2015), e a estruturação dos gráficos, tabelas e imagens foi inspirada nos trabalhos de Andreia Silvana da Rosa (2018) e Osvaldo Rodrigues Junior (2022), que ofereceram um modelo metodológico valioso para a organização visual e a análise dos dados.

Já o terceiro e último capítulo apresenta a análise detalhada dos questionários aplicados às turmas escolhidas, com o objetivo de compreender como os estudantes utilizam o *YouTube* para aprender História e como isso impacta a constituição de sua consciência e aprendizagem históricas. O capítulo busca identificar padrões de acesso, os tipos de conteúdo mais procurados, e as percepções dos alunos sobre a plataforma como ferramenta complementar ao aprendizado. Os dados são interpretados à luz dos autores que fundamentam a investigação, oferecendo reflexões sobre o papel das tecnologias digitais no ensino de História. O conjunto dos capítulos propõe uma reflexão sobre como os conteúdos históricos são abordados em tempos de internet, com o *YouTube* como foco principal.

Nesse cenário, torna-se essencial identificar quais materiais e discursos estão em circulação, quais temas são abordados, quais são omitidos e quais implicações isso traz para o trabalho da/o professor/a-historiador/a, especialmente na relação entre as narrativas digitais e a prática profissional na área, visto que, hoje, estamos inseridos em um contexto marcado por uma diversidade de vozes e narrativas.

CAPÍTULO 1

ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA DIGITAL

Em uma manhã comum de 2023, no *Colégio Tempus*, numa aula de História, no nono ano do Ensino Fundamental II, mais precisamente, sobre o Brasil República durante a Ditadura civil-militar, uma situação inusitada aconteceu: ao explicar sobre os eventos traumáticos que se instauraram com a ascensão dos militares no poder, no caso, perseguição política, censura, tortura, desaparecimentos, dentre outros, a aula foi interrompida por um estudante, Augusto, que afirmou com veemência que o que estava sendo ensinado pela professora era uma versão pessoal da história, a qual ele considerava não ser verdadeira.

O estudante seguiu, ainda, afirmando que os livros didáticos de história não apresentavam uma narrativa verdadeira dos eventos históricos, que na verdade, o que ocorreu foi uma tomada de poder legítima por parte dos militares, com amplo apoio popular e que as narrativas presentes nos livros eram absurdas, que torturas, perseguições e censura jamais ocorreram. Para Augusto, tudo se tratava de uma espécie de corrente de pensamento que buscava apagar o êxito dos militares. Ao questionar a fonte dos argumentos, a surpresa se ampliou devido à descoberta da origem das informações: o aluno declarou que havia descoberto a “verdade” por meio de vídeos do *YouTube* produzidos por influenciadores digitais, especialmente por um influenciador que ascendeu ao cargo de deputado federal⁴ utilizando-se das mídias e desse tipo de discurso.

Esse episódio ilustra um fenômeno que tem se tornado recorrente nas salas de aulas contemporâneas, a introdução de narrativas alternativas e, muitas vezes, sensacionalistas que circulam livremente na internet e influenciam a percepção dos estudantes País a fora. Os canais do *YouTube* foram um dos meios que atingiram consideravelmente o ensino de história, especialmente os que se dedicam a abordagem histórica simplistas ou enviesadas. Muitos desses vídeos apresentam versões atraentes e superficiais dos acontecimentos históricos, o que, por um lado, desperta o interesse dos estudantes, mas, por outro, dificulta o entendimento crítico e aprofundado.

Diante de uma experiência acumulada em sala de aula, tem sido possível observar que os estudantes frequentemente recorrem à referida plataforma como ferramenta paralela à do(a)

⁴ Nikolas Ferreira de Oliveira, deputado federal eleito por Minas Gerais pelo Partido Liberal, em 2022.

professor(a), buscando compreensões rápidas e simplificadas de eventos históricos complexos. Embora esses conteúdos possam facilitar o acesso inicial ao conhecimento histórico, eles frequentemente apresentam versões transfiguradas do passado ou tendenciosas. Tal prática, característica do negacionismo histórico⁵ não necessariamente impede os estudantes de acessar informações sobre o passado, mas constrói uma percepção distorcida, muitas vezes alinhada a interesses ideológicos ou políticos.

Esse fenômeno compromete o desenvolvimento de capacidades reflexivas necessárias para que o estudante compreenda conceitos e relacione conteúdos de forma crítica, tornando-o vulnerável à desinformação em massa. Nesse sentido, é crucial investigar o que é escolhido para ser contado, como é narrado e quais efeitos essas operações têm sobre a formação da consciência histórica dos estudantes. Essas questões adquirem ainda mais relevância em um contexto marcado pelas transformações das relações humanas e pela disseminação de práticas culturais mediadas pelas tecnologias digitais, que redefinem a maneira como consumimos e compartilhamos informações.

Diariamente somos surpreendidos com o dinamismo resultante dos avanços tecnológicos, é notável o impacto cultural que as novas tecnologias da informação e da comunicação tem causado na sociedade, principalmente no que tange as relações humanas. Estamos assistindo às relações serem transformadas, seja no modo como comunicamos, consumimos, interagimos ou compartilhamos informações. Conforme aponta Jorente (2012), essas tecnologias impulsionam uma “cultura mosaico”⁶, que redefine as práticas culturais e sociais, facilitando interações complexas e moldando uma nova dinâmica social em um ambiente digital cada vez mais multifacetado.

Nessa mesma linha, Pierre Lévy (1999), reforça essa perspectiva ao afirmar que a internet e as redes digitais promovem uma “inteligência coletiva”, onde a troca de conhecimento e a colaboração constante entre os indivíduos potencializam novas formas de interação e de construção cultural. Esse fenômeno permite que as pessoas compartilhem e criem saberes

⁵ O negacionismo histórico é uma postura que consiste em negar a existência, a validade ou a veracidade de eventos históricos, mesmo diante de evidências ou argumentos que comprovem. Segundo Valim, Avelar e Bevernage (2021), o termo negacionismo se popularizou no final de década de 1980, depois que o historiador francês Henry Rousso passou a usá-lo para se referir aos indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa dos judeus durante o regime nazista.

⁶ Segundo Jorente (2012), a “cultura mosaico” descreve uma organização cultural baseada na diversidade e simultaneidade de informações, que promove uma interação dinâmica e fragmentada com os conteúdos digitais.

coletivamente, formando uma rede de saberes que transcende as fronteiras tradicionais do conhecimento e das relações sociais.

Esse processo de colaboração e construção de saberes coletivos ocorre especialmente no *ciberespaço*, onde a interação, que antes precisava ser construída no espaço físico, agora acontece de forma ilimitada, em qualquer hora e lugar. Desde a popularização da internet, o fluxo de informações se dinamizou, permitindo a interação sem restrições geográficas. No campo da educação, esse impacto é evidente, pois as instituições escolares passaram a dividir espaço com outros meios de difusão do conhecimento, especialmente com a internet, que oferece novas formas de aprendizado e colaboração.

Mesmo antes da propagação da cultura digital entre os jovens, a aprendizagem do estudante sempre foi o elemento central da educação, com o avanço das tecnologias digitais, essa centralidade se torna ainda mais necessária, exigindo abordagens pedagógicas que considerem as singularidades e o contexto de cada aluno. Freire (1996) destaca que a educação deve ser um processo dialógico e participativo, no qual o aluno não apenas recebe informações, mas se envolve ativamente na construção de seu conhecimento. No contexto atual, especialmente na disciplina de História, busca-se não apenas desenvolver perspectivas sobre o passado, mas também conectar essas visões ao presente e futuro. Dessa forma, o ensino de História envolve não apenas a transmissão de conteúdo, mas a construção de reflexões que permitem aos alunos entenderem os eventos passados e suas implicações no mundo contemporâneo.

Nesse cenário de imediatismo e velocidade proporcionadas pelas tecnologias digitais, o papel do professor de História se torna ainda mais fundamental. Ele atua como um agente construtor de pontes entre o passado e os eventos atuais, promovendo uma compreensão crítica dos acontecimentos. Essa atuação não só preserva a memória histórica, mas também assegura a construção de uma consciência histórica, essencial para o desenvolvimento de um sujeito crítico. Além disso, a instituição escolar juntamente com o professor, desempenha um papel essencial na mediação das novas formas de interação digital, orientando o uso consciente das tecnologias na busca e interpretação das informações. Dessa maneira, o professor, sobretudo o de História, contribui para a formação da cidadania ao capacitar os alunos para compreender e utilizar a tecnologia de maneira assertiva e crítica, tornando-os conscientes do seu papel na sociedade.

Como afirma Maria Ligia Prado:

A História é disciplina essencial para a formação dos estudantes na instituição escolar. E o professor de História continua a ser figura central, não só para ensinar-lhes os conteúdos da matéria, mas também para fazê-los refletir sobre as questões do presente e do passado e ajudá-los a desenvolver o pensamento crítico. O ensino de História nas escolas é capaz de fornecer elementos para que os alunos se transformem em cidadãos conscientes e democráticos. (PRADO, 2021, p. 79)

Dessa forma, a instituição escolar, bem como o professor de História consolidam-se como pilares na formação de cidadãos críticos, preparados para compreender e transformar o mundo. Em um cenário marcado pela rápida evolução tecnológica e pela ampla circulação de informações, é fundamental que os estudantes não apenas conheçam os fatos históricos, mas também adquiram as ferramentas para refletir criticamente sobre eles.

Essa preparação torna-se ainda mais urgente diante do risco de perda da memória histórica, como alerta o historiador Eric Hobsbawm ao destacar que:

A destruição do passado - ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas - é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca [...]. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. (HOBSBAWM, 1995, p. 13)

Segundo Hobsbawm, muitos jovens hoje crescem em um “presente contínuo”, sem uma conexão orgânica com o passado, o que reforça a necessidade de que o ensino de História vá além da simples transmissão de eventos. A partir dessa perspectiva, o papel do professor não é apenas relembrar o que os outros esquecem, mas também estimular uma compreensão profunda e crítica dos processos históricos. Esse desafio se desdobra tanto no ambiente escolar quanto nos espaços digitais, onde a circulação de informações exige um olhar mais atento e analítico sobre o passado e o presente.

Essa relação entre ensino de História e os meios digitais desafia o ofício do historiador, bem como o do professor enquanto educador, uma vez que, dentro do *ciberespaço* diversas mídias “se apropriam da história para produzir diferentes narrativas, por vezes rebatidas ou criticadas pelos historiadores; outras, utilizadas para enaltecer perspectivas e produzirem disputas teóricas e ideológicas” (FERREIRA DE SOUZA, 2016, p. 45).

É evidente que o avanço e as transformações na comunicação social e no acesso instantâneo às informações estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas. Contudo, a ampla disponibilidade de fontes que oferecem compreensões simplificadas de eventos e conceitos históricos complexos é motivo de preocupação. Como destaca Michel de Certeau, o

discurso histórico pretende dar conteúdo verdadeiro (que vem da verificabilidade), mas sob forma de uma narração. Assim, a história não apresenta uma verdade absoluta, mas suas narrativas devem ser construídas com base na materialidade dos fatos, permitindo a crítica e a checagem por parte dos leitores. No entanto, no ambiente digital, indivíduos muitas vezes tomam conteúdos não embasados como inquestionáveis, interpretando o presente de forma descontextualizada, o que abre espaço para o falseamento histórico, como o negacionismo, e enfraquece a capacidade crítica diante dos acontecimentos.

Esse distanciamento da reflexão histórica é amplificado pelo conceito de “presentismo” de François Hartog, que descreve como o presente, ao ser vivido como o único tempo significativo, apaga as conexões com o passado e o futuro:

O uso do termo presente expandiu-se, tornando-se uma categoria que abarca tudo: é preciso não somente ser de seu tempo, mas viver no presente. A moda e as mídias fazem dele sua palavra de ordem. O presente tornou-se um imperativo, como o futuro havia sido até esse momento. Aspirado à autossuficiência, não há nada além nem aquém de si mesmo, o futuro e o passado se apagam [...] passou-se então a fabricar, a cada dia, o passado e o presente que se tem necessidade. As mídias cumpriram essa função, colocando em primeiro plano, o instante, o simultâneo. (HARTOG, 2015 apud ROMERO, 2015, p. 03-04)

As mídias digitais, sendo uma das principais responsáveis por priorizar o instante e o simultâneo, contribuem para esse distanciamento da reflexão histórica. Esse afastamento do diálogo com outras temporalidades implica em um empobrecimento da consciência história – ou até mesmo na sua ausência, uma vez que ela exige não apenas o domínio de conteúdos passados, mas a capacidade crítica de articular o passado, o presente e o futuro. Assim, a ausência dessa reflexão histórica crítica no contexto digital reforça o risco de um conhecimento superficial e impreciso, que não favorece a construção de uma cidadania consciente e reflexiva.

Dado o exemplo do estudante Augusto, que utiliza o *YouTube* como ferramenta de apoio educacional, podemos perceber o impacto dos recursos digitais disponíveis na atualidade que são utilizados para promover a difusão de narrativas. O *YouTube* por exemplo, é explorado por alguns canais, como meio de divulgação de conteúdos que alegam apresentar ‘novas descobertas’ sobre o passado, como o vídeo do então deputado citado anteriormente. Contudo, muitos desses conteúdos, como destaca Pedro Zarotti (2022), consistem em releituras de paradigmas historicamente superados e frequentemente refutados pela historiografia acadêmica e pelo ensino de História. Esse fenômeno aponta para um desafio amplo: o papel das mídias digitais na formação da consciência histórica dos indivíduos, já que essa consciência exige um esforço crítico para articular as temporalidades de forma contextualizada e fundamentada.

1.1 Consciência Histórica

A consciência é um fenômeno característico do ser humano, é algo intrínseco e privativo de cada indivíduo. Cada pessoa, à sua maneira relaciona-se com o mundo e sente-se presente nele. O próprio termo “consciente” indica uma convicção sobre as próprias ações e palavras. Da mesma forma, a consciência histórica se manifesta como uma extensão dessa percepção individual, sendo discutida por diferentes autores como um fenômeno inerente à existência humana. Ela representa a maneira pela qual todo ser humano procura dar sentido às suas ações e/ou experiências, permitindo que o indivíduo se sinta parte de um contexto mais amplo, seja ele familiar, político, social ou cultural.

O historiador Luís Cerri (2011) discute sobre a noção de consciência histórica com base na perspectiva dos filósofos Agnes Heller⁷ e Ferenc Fehér⁸, que vê essa consciência não como um objetivo final, mas como uma condição inerente ao próprio pensamento humano, como o alemão Jörn Rüsen, que, em suas definições mais amplamente reconhecidas, contribui com uma interpretação igualmente profunda sobre a importância da consciência histórica quando afirma que:

A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmo, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso. (RÜSEN, 2001, p. 78 e 79)

Como algo universal e ao mesmo tempo individual, a consciência histórica, a partir da perspectiva de Rüsen pode ser definida como uma categoria que abrange todas as formas de pensamento histórico, e, refletir historicamente é uma prática comum a toda a humanidade, visto que ninguém nasce em um mundo sem história. Em outros termos ela é: “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p.27).

⁷ Agnes Heller (1929-2019) foi uma filósofa húngara de destaque, conhecida por suas contribuições à teoria social e filosofia da história. Ela abordou temas como a condição humana, a ética e a consciência histórica, sendo uma das principais vozes da Escola de Budapeste e influente no desenvolvimento do pensamento crítico no século XX.

⁸ Ferenc Fehér (1933-1994) foi um filósofo e sociólogo húngaro, conhecido por suas análises críticas sobre o socialismo e a modernidade. Ele colaborou frequentemente com Agnes Heller, com quem integrou a Escola de Budapeste, abordando temas como ideologia, política e filosofia da história.

Peter Lee (2016) relata que sem o conhecimento ofertado pela história, as ideias das pessoas sobre o que é normal nas questões referentes à humanidade tenderiam a ser limitadas ao aqui e ao agora. Essa reflexão se alinha com a perspectiva de Jörn Rüsen, que argumenta que os indivíduos possuem o passado como experiência e o interpretam como história, utilizando-o como ferramenta para compreender o presente e orientar suas ações. Ambos os autores sugerem que o conhecimento histórico amplia a visão dos indivíduos, permitindo-lhes ultrapassar as limitações do momento presente e alcançar uma compreensão mais profunda e contextualizada enquanto sujeitos históricos.

Na análise de Rüsen sobre a consciência histórica emergem diversos elementos essenciais que contribuem para a compreensão desse conceito. Entre eles, as chamadas “operações mentais”, que podem ser entendidas como o conjunto de processos que todos os indivíduos utilizam para interpretar e dar sentido às suas experiências temporais, tanto a de si mesmo quanto a do grupo que cada um pertence e da sociedade que cada indivíduo e grupo formam. Essas operações cognitivas não ocorrem de forma isolada; elas são parte de um processo mais amplo de formação cognitiva, que, como veremos, é profundamente complexo e interconectado.

Esse processo envolve não apenas a contribuição ativa do indivíduo na atribuição de sentido às suas vivências, mas também a influência do processo histórico e das memórias do passado. Assim, a memória histórica exerce uma função crucial na construção das identidades individuais, bem como, nas identidades coletivas, essenciais para o desenvolvimento em termos pessoais quanto sociais.

De forma complementar, Estevão Chaves de Rezende Martins aprofunda essa perspectiva ao afirmar que:

A memória pessoal, associada à memória coletiva inscrita na historicidade do espaço social em que cada indivíduo emerge, marca não apenas a identidade particular do sujeito agente, mas também a coletividade identitária com que cada um se depara e que cada um quer assumir, modificar, transformar e mesmo sujeitar. (MARTINS, 2021, p. 49)

Nesse contexto, ao considerar a importância das operações cognitivas e das memórias históricas, Rüsen também destaca que as experiências passadas não devem ser vistas como meros elementos isolados ou informativos. Para ele, as experiências do passado vão além de eventos e datas, elas atuam sobretudo como um guia no processo pelo qual os indivíduos interpretam e compreendem sua experiência histórica. Esse processo, como ressalta o autor,

envolve uma capacidade crítica e reflexiva, permitindo que a consciência histórica seja moldada de forma dinâmica e significativa.

Além disso, a capacidade de interpretar o passado não se limita à compreensão de eventos isolados, mas também desempenha um papel essencial na orientação temporal dos indivíduos. Rüsen afirma que “só a consciência histórica, mediante seu recurso rememorativo às experiências do tempo passado, fornece ao presente uma orientação no tempo, que no movimento mesmo do agir, não é percebido.” (Rüsen, 2001, p. 80) Em outras palavras, ao conectar-se com outra temporalidade – o passado –, o indivíduo consegue se situar no espaço e no tempo, percebendo as mudanças e permanências ao longo do tempo, podendo assim, direcionar suas ações do presente de maneira mais consciente na vida prática.

Nesse sentido, a orientação temporal não apenas ajuda na compreensão do tempo vivido, mas também na formação de identidades, Schmidt e Garcia reforçam essa ideia ao afirmarem que:

Em Rüsen, a consciência histórica relaciona ser (identidade) e dever (ação) em uma narrativa significativa que toma os acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de suas experiências individuais e coletivas e de tornar legível o seu presente, conferindo uma expectativa futura a essa atividade atual. Portanto, a consciência histórica tem uma função prática, de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica. (SCHMIDT e GARCIA, 2005, p. 301).

A consciência histórica não apenas molda identidades a partir das vivências passadas, mas também orienta de maneira reflexiva. Essa relação vai além do mero entendimento conceitual, impactando diretamente nas opiniões e comportamentos dos indivíduos em sua vida cotidiana. Assim, tanto a identidade quanto a consciência histórica exigem uma postura ativa diante das realidades sociais.

Dessa forma, a consciência histórica abrange mais do que a mera recordação de eventos passados, ela se revela um meio vital para a construção de identidades e para a orientação das ações no presente e no futuro. Ao desenvolver a capacidade de interpretar criticamente as experiências históricas, os indivíduos não apenas se situam no tempo e no espaço, mas também assumem um papel ativo na transformação de suas realidades. Essa postura reflexiva, que une as diferentes temporalidades – passado, presente e futuro –, ganha ainda mais relevância no contexto atual, em que as tecnologias de comunicação e as mídias digitais transformam profundamente a maneira como interagimos com a informação histórica.

No entanto, conforme episódio narrado acima, o ambiente digital apresenta desafios significativos para o desenvolvimento dessa consciência crítica. O acesso a narrativas alternativas, muitas vezes enviesadas e disseminadas em plataformas como o *YouTube*, influencia diretamente a percepção histórica dos estudantes, resultando em oposições no espaço da sala de aula. Nesse cenário, é essencial problematizar como as operações cognitivas e as memórias históricas, discutidas por autores como Rüsen, podem ser mobilizadas por docentes, no sentido de auxiliar a seus discentes a se atinarem sobre como eles se apropriam de conhecimentos que envolvam a lógica temporal, a passagem dos ciclos das experiências dos homens e mulheres na história e, do mesmo modo, decorrente dessa operação, proporcionar a capacidade de discernimento entre versões distorcidas do passado, orientando os estudantes a construir interpretações mais fundamentadas e reflexivas, amparadas em comprovação dos acontecimentos.

1.2 História Pública

Nesse cenário do rápido progresso das tecnologias de comunicação, especialmente das mídias digitais e da maneira como interagimos com ela, somos retirados diariamente de uma zona de conforto por um ritmo que requer agilidade diante do grande volume de informações. Esse ambiente, embora promova a diversidade de narrativas e amplie o acesso a elas, também pode levar a simplificações e até mesmo a manipulações político-ideológicas.

Nesse contexto, para compreender esse fenômeno de produção de conhecimento histórico fora do ambiente acadêmico, é preciso considerar o contexto temporal e as demandas sociais e políticas. Essa mudança está ligada ao tempo presente, marcado pela dinamização e velocidade do fluxo de informações, bem como pela diversidade de agentes e perspectivas realizadas nos novos espaços. Além disso, as demandas políticas e sociais são fatores significativos a levar as pessoas a interpretar e comunicar a história, ou seja, as circunstâncias e as demandas contemporâneas estão levando a produção histórica a não se limitar mais às universidades e acadêmicos.

Refletir sobre essas novas formas e os novos espaços para a produção de conhecimento não é algo recente, desde meados da década de 1970 – especialmente nos Estados Unidos⁹, essa reflexão inclui considerar as múltiplas interações entre a história e seus públicos. Nesse contexto, a História Pública surge como um grande campo de possibilidades, permitindo a inclusão de diversas fontes, diferentes agentes que as interpretam, e as múltiplas maneiras de apresentação desses saberes. Como aponta Livia Aparecida, a ênfase nesse campo está em tornar a história acessível e relevante para o público:

O alvo é o público e a discussão é focada na apropriação dos diferentes lugares de divulgação para que a história seja feita *para, com e pelo* público. Iniciativas como essa sugerem a democratização de um saber que todos produzem direta ou indiretamente, para que o historiador não seja mais uma figura “esotérica” e sim, agente de um conhecimento fundamental para o desenvolvimento. (BOER, 2022, p. 17)

Contudo, essa abertura e democratização do conhecimento histórico também trazem desafios significativos. Desde que as primeiras discussões sobre História Pública começaram a ganhar notoriedade, muitos profissionais passaram a vê-la como um campo desafiador. Pois, nem todas as publicações de divulgação histórica tem o devido rigor e responsabilidade necessários, o que pode simplificar excessivamente o conhecimento histórico, equiparando-o a meras opiniões pessoais, sem a profundidade e o cuidado que a ciência histórica exige.

Sônia Meneses (2018), alerta que essa superficialidade pode gerar uma “história abusiva”, produzida por pessoas que manipulam fontes e obras históricas com o objetivo de promover desinformação, intolerância e até mesmo mitos de ódio. Tais práticas, segundo Meneses, resultam em profundas fraturas na formação da nossa consciência histórica. Em paralelo, Jurandir Malerba (2013) observa que, editores, publicitários e homens de mídia em geral descobriram que o passado pode representar bons negócios.

No Brasil, a criação e a disseminação de narrativas históricas também não é uma prática recente. Em um país onde as novelas televisivas atraem um grande público, diversas minisséries de sucesso exploraram temas históricos em suas tramas¹⁰; inspiradas por tendências

⁹ Segundo Bruno Leal Carvalho (2017), o conceito de história pública passou a ser empregado nos Estados Unidos em 1976, pelo historiador Robert Kelley, o fundador da revista *The Publican Historian*, com o apoio do *Oral History Institute* e o patrocínio o *National Council on Public History* (NCPH), organização interdisciplinar criada em 1979”. Ainda, como afirmaram Jurandir Malerba (2014) e Ricardo Santhiago (2018), “nos Estados Unidos foi defendida como processo de formação e ação, diante da crise de empregabilidade que atingiu o país nos anos de 1970, e cresceu baseada na ideia de que os historiadores poderiam/deveriam atuar em espaços públicos que extrapolassem a Academia como modo de se inserirem no mercado profissional mais amplo. (CARVALHO, 2017 apud ROVAI, 2020, p. 4)

¹⁰ **Anos Rebeldes**, autoria de Gilberto Braga, exibido na *Rede Globo de Televisão* no ano de 1992. A trama aborda a luta contra o regime militar brasileiro a partir do romance entre dois jovens com projetos de vida diferentes. Disponível em: [Anos Rebeldes | Anos Rebeldes | memoriaglobo](#). Acesso em: 09 de janeiro 2025.

internacionais, inúmeras revistas de divulgação científica dedicadas à história também começaram a circular amplamente no país¹¹ expandindo o conhecimento histórico a um público cada vez maior.

Com o surgimento das mídias digitais e redes sociais¹² – com destaque para o *YouTube*, essa disseminação ganhou ainda mais força e alcançou novos públicos. Grupos e indivíduos sem formação acadêmica em História passaram a produzir e compartilhar conteúdos de narrativas históricas explorando diferentes temas, períodos e figuras históricas, levando suas exposições a um enorme público. No entanto, esse crescente uso das plataformas digitais como transmissor de conhecimentos históricos gera uma preocupação em relação a construção de uma consciência histórica, visto que, em muitos casos, os conteúdos produzidos por essas pessoas carecem de profundidade e rigor metodológico.

Dados da pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informações e Comunicação nos Domicílios Brasileiros – TIC Domicílios 2023¹³ reforçam essa expansão do consumo de conteúdo multimídia. Segundo o estudo, a maioria dos usuários de internet assistiram a vídeos, programas, filmes ou séries online, com um aumento significativo, passando de 73% em 2022 para 80% em 2023. (Gráfico 1).

Escrava Isaura, autoria de Gilberto Braga, exibido na *Rede Globo de Televisão* nos anos de 1976-1977. A trama retratava a luta abolicionista no Brasil tendo como fio condutor a paixão doentia de um senhor por sua escrava branca. Disponível em: [Escrava Isaura | Escrava Isaura | memoriaglobo](#). Acesso em: 04 de novembro 2024.

A Muralha, autoria de Maria Adelaide Amaral, exibido na *Rede Globo de Televisão* no ano de 2000. A trama explorou a saga dos bandeirantes rumo ao interior do país. Disponível em: [A Muralha | A Muralha | memoriaglobo](#). Acesso em: 04 de novembro 2024.

O Quinto dos infernos, autoria de Carlos Lombardi, exibido na *Rede Globo de Televisão* no ano de 2002. A trama reconstitui os bastidores políticos da independência do Brasil. Disponível em: [O Quinto dos Infernos](#). Acesso em: 04 de novembro 2024.

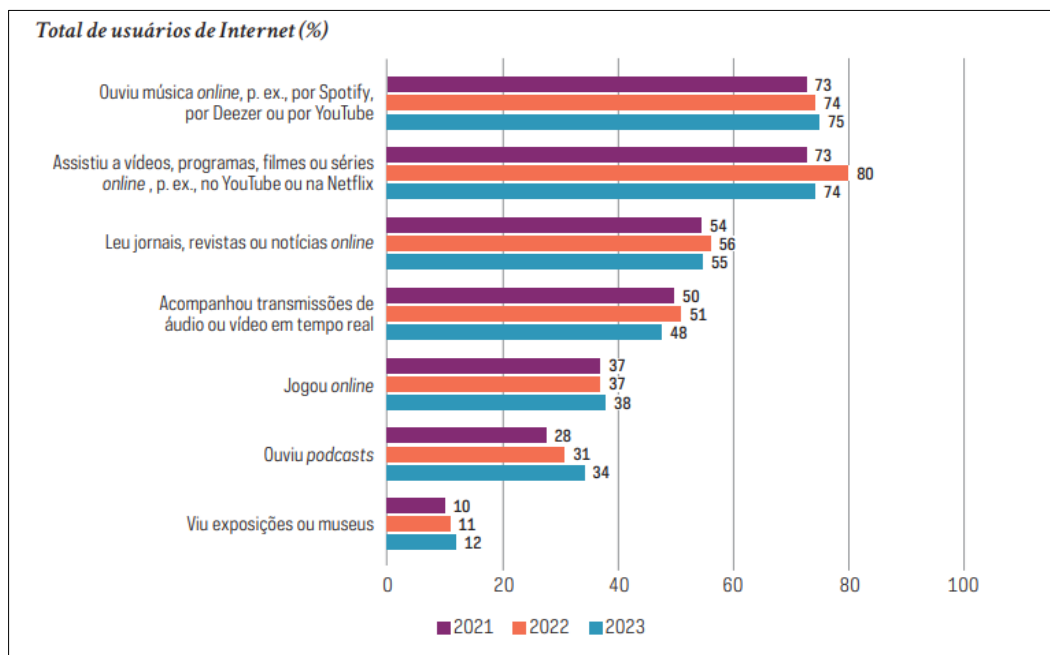
A Casa das Sete Mulheres, autoria de Maria Adelaide Amaral e Walther Negrão, exibido na *Rede Globo de Televisão* no ano de 2003. A trama mostra o papel das mulheres nos bastidores da revolta conhecida como a Guerra dos Farrapos. Disponível em: [A Casa das Sete Mulheres | A Casa das Sete Mulheres | memoriaglobo](#). Acesso em: 04 de novembro 2024.

¹¹ Em 2003, o jornal *Estadão* anunciava o início das atividades da revista *Nossa História*, que se tornaria a principal publicação do gênero no país, com uma tiragem inicial de 50 mil exemplares. Disponível em: [Revista "Nossa História" é lançada hoje - Estadão](#). Acesso em: 04 de novembro 2024.

¹² Pesquisa realizada pelo IBGE indica que 92,5% dos lares brasileiros em 2023 possuíam acesso à internet e os dois grupos de idade com maior uso estão entre os 25 a 29 anos com 96,3% e 20 a 24 anos com 95,9%. Disponível em: [92,5% domicílios tinham acesso à Internet no Brasil | Educa | Jovens - IBGE](#) e [Em 2023, 88,0% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram Internet | Agência de Notícias](#). Acesso em: 04 de novembro 2024.

¹³ Disponível em: [tic domicilios 2023 livro_eletronico.pdf](#). Acesso em: 06 de novembro 2024.

Gráfico 1 – Usuários de internet, por atividades multimídia realizadas na internet (2021-2023)

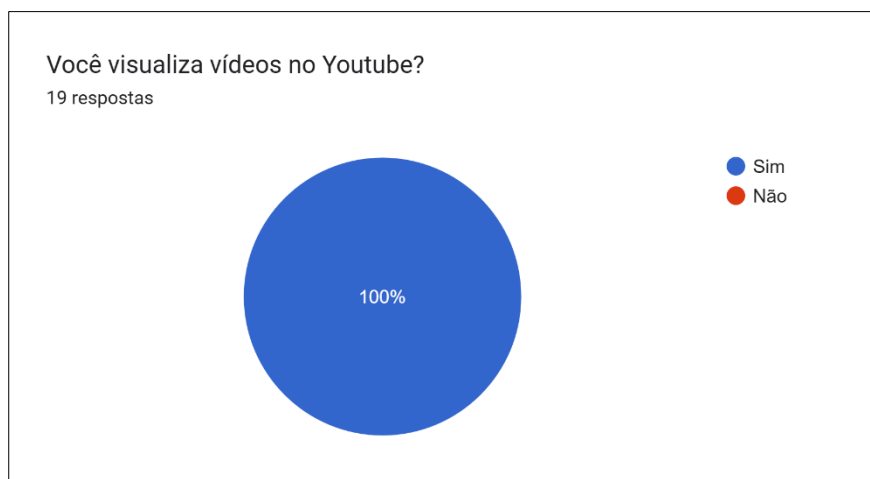


Fonte: Pesquisa TIC Domicílios 2023 (p. 85).

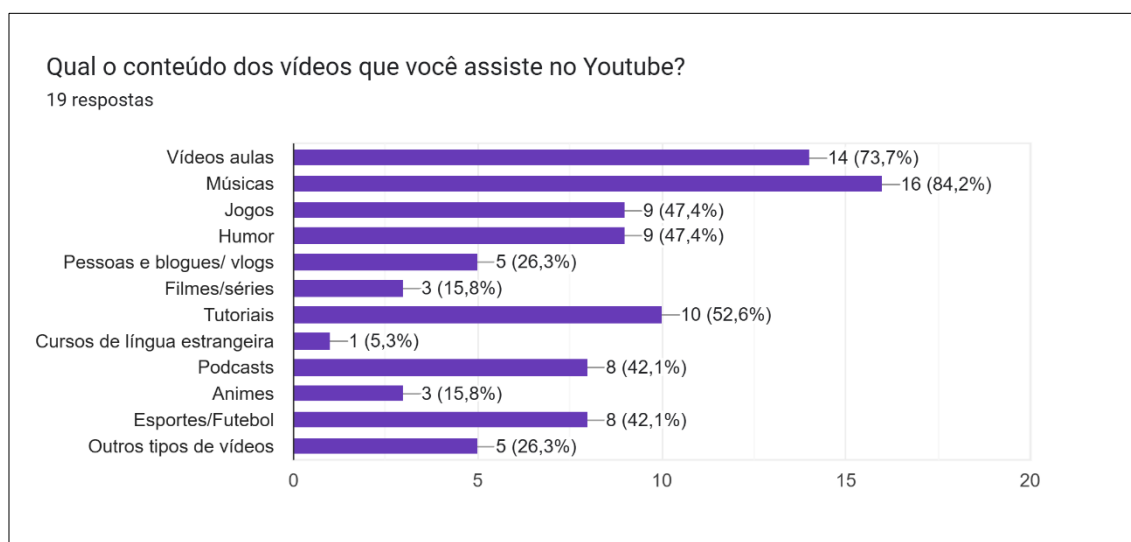
Esse crescimento apresentado nos dados da pesquisa indica que o *streaming* de vídeos continua sendo uma atividade prioritária, provavelmente impulsionada pela oferta de conteúdos em plataformas como *YouTube* e *Netflix*¹⁴. Além disso, é possível considerar que os vídeos do *YouTube* têm desempenhado um papel importante no suporte às atividades escolares e no incentivo ao “estudo autônomo”.

Com o intuito de entender melhor essa tendência e como ela chega aos meus alunos, realizei uma pesquisa com estudantes do Ensino Fundamental II – especificamente das turmas de 8º e 9º anos. No ano de 2023, apliquei o questionário em ambas as turmas, enquanto em 2024, concentrei a pesquisa apenas no 9º ano, aproveitando a continuidade dos alunos que, no ano anterior, integravam o 8º ano e permaneceram na escola, dados sobre os quais vou discorrer com mais profundidade mais adiante no tópico sobre a audiência escolar no *YouTube*. A pesquisa buscou identificar como os alunos acessam a internet e utilizam o *YouTube*. Os gráficos a seguir (Gráficos 2 e 3) apresentam os dados coletados, permitindo uma análise sobre o nível de acesso e as principais atividades *online* realizadas por esses alunos, incluindo o uso da plataforma tanto para fins educacionais quanto para lazer.

¹⁴ Além disso, nos anos de 2020 e 2021, a pandemia de Covid-19 intensificou o uso de plataformas de streaming, como o *YouTube* e *Netflix*, tanto para entretenimento quanto para fins educacionais, devido à necessidade de isolamento e à migração de atividades escolares para o formato remoto.

Gráfico 2 – Utilização do *YouTube*

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Gráfico 3 – Conteúdos assistidos no *YouTube*

Fonte: Elaboração da autora (2023).

No gráfico 2, é possível observar que 100% dos estudantes relataram que acessam e assistem a vídeos no *YouTube*, evidenciando a popularidade e o acesso universal à plataforma entre os alunos. Já no gráfico 3, são apresentadas as preferências de conteúdo desses estudantes, revelando uma diversidade nos tipos de vídeos consumidos. Um dado especialmente relevante é que 73,7% dos alunos consomem vídeo aulas, indicando que o *YouTube* é amplamente utilizado como um recurso de apoio ao aprendizado.

Esses dados reforçam a relevância das plataformas digitais como o *YouTube* no cotidiano dos alunos e indicam seu grande potencial para a difusão de conhecimento. No entanto, o acesso fácil à informação na internet traz o desafio da ausência de critérios para a seleção de conteúdos consumidos, visto que esses estudantes, de maneira geral, não possuem

parâmetros teóricos para realizar essa filtragem. Essa realidade se reflete nas salas de aula, onde, por serem nativos digitais¹⁵, os alunos utilizam a internet de forma espontânea, trazendo para as aulas indagações e informações que encontram online e tomam como corretas, como foi o caso narrado no início do presente trabalho.

Em um mundo cada vez mais interconectado e marcado pela proliferação de conteúdos digitais, refletir sobre a História Pública exige atenção ao impacto que as novas mídias têm na construção da consciência histórica. A popularização das narrativas históricas no *ciberespaço* cria oportunidades e desafios: ao mesmo tempo que democratiza o acesso ao conhecimento, também levanta preocupações sobre a qualidade e a profundidade das informações divulgadas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já demonstra atenção a essa questão ao apontar que:

Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. Por sua vez, essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar (BRASIL, p. 61, 2018).

Esse cenário reforça a necessidade de uma mediação cuidadosa que, no campo da História Pública, busque promover uma consciência histórica crítica e aprofundada, capaz de resistir à superficialidade e de fomentar interpretações criteriosas do passado. Nesse contexto, tanto o historiador quanto a instituição escolar assumem papéis essenciais como mediadores entre o passado e o público, fortalecendo o compromisso de estimular a reflexão crítica e a análise aprofundada em meio a esse mundo digitalizado. Como destaca a BNCC:

Esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais (BRASIL, p. 61, 2018).

A relevância desse desafio é confirmada pela pesquisa realizada com meus alunos, na qual 100% relataram usar plataformas como o *YouTube*, e 73,7% consomem vídeo aulas para complementar seus estudos. Esse dado ressalta o potencial e o alcance dessas plataformas, ao

¹⁵ Contrapondo-se aos “imigrantes” digitais, ou seja, pessoas para quem a informática é uma novidade, os “nativos” digitais são crianças, adolescentes e jovens adultos que nasceram a partir da década de 1980 e que sempre conviveram com o mundo informatizado. Tal designação envolve, também, uma questão geográfica, as referências se referem aos nativos da década de 80, e eles são, sobretudo, estadunidenses, a disseminação no Brasil, de fato só ocorreu na década de 1990. Por isso, o termo é muito mais usado para se referir a geração Z. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 47).

mesmo tempo que reforça a importância de uma mediação qualificada na construção de uma memória social informada. A educação escolar, alinhada a uma reflexão crítica e ao uso consciente das mídias tem um papel crucial na formação de uma consciência histórica.

CAPÍTULO 2

YOUTUBE COMO OBJETO DE ENSINO E PESQUISA NA EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DESAFIOS E REFLEXÕES

Fundado em 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio *online PayPal* (BURGESS e GREEN, 2009, p. 17), o *YouTube* é conhecido mundialmente, ocupa o posto de maior plataforma de compartilhamento de vídeos e é a segunda plataforma mais acessada da *web*¹⁶, ficando atrás apenas do próprio *Google*. Com uma estrutura simples e acessível, “a plataforma permite aos usuários criarem canais e divulgarem vídeos que podem ser curtidos, descurtidos, comentados e compartilhados” (JUNIOR, 2022, p. 2).

No Brasil, o *YouTube* apresenta um número expressivo de usuários, levando o país ao segundo lugar mundialmente em horas assistidas. O total de acessos mensais na plataforma chega a 1,5 bilhão de pessoas, e 95% da população brasileira que possui redes sociais utiliza a plataforma, totalizando 98 milhões de pessoas (ROSA, 2018, p. 19). Segundo um relatório publicado pela *Think With Google*¹⁷, em outubro de 2021, 113 milhões de brasileiros maiores de 18 anos consomem o *YouTube* mensalmente. Em um relatório mais recente intitulado “*Desvendando os hábitos dos brasileiros no YouTube: veja os insights para as marcas*”¹⁸ de novembro de 2024, a *Think With Google*, atesta que, somente em junho de 2024, a plataforma teve mais de 111 bilhões de visualizações no país.

Além de seu sucesso como plataforma de entretenimento, o *YouTube* se destaca pela ampla variedade de conteúdo, capaz de atender aos interesses de um público bastante diversificado. Milhões de pessoas acessam a plataforma diariamente por diferentes motivos, seja para ouvir música, assistir a um vídeo, buscar informações ou até mesmo para estudar e ampliar seus conhecimentos. Retomando o relatório da *Think With Google* (2021), este traz um dado que chama bastante atenção, o qual mostra que o brasileiro recorre ao *YouTube* para, entre muitas outras coisas, acessar o vasto conteúdo de educação. Esse comportamento também se reflete entre os estudantes pesquisados, conforme demonstrado nos gráficos (Gráficos 2 e 3)

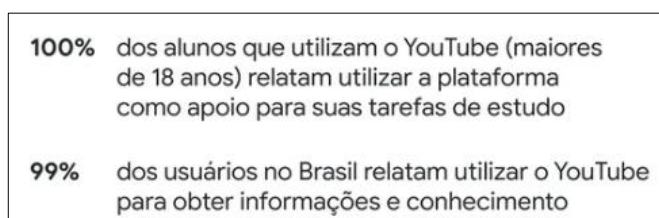
¹⁶ De acordo com o ranking Alexa, que pode ser consultado no site: <https://www.alexa.com/topsites>.

¹⁷ *Think With Google* é um portal de pesquisa e tendências da *Google*, fonte de informações relevantes, que juntamente com pesquisas de outras instituições fornece dados e gráficos de suas ferramentas, como o *YouTube*. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/impacto-economico-cultural-social-youtube-brasil/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

¹⁸ Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/construa-marcas-relevantes-com-youtube/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

apresentados anteriormente, onde 100% dos alunos afirmaram acessar vídeos na plataforma regularmente, e, entre os conteúdos assistidos, destacaram-se as vídeo aulas como uma de suas principais escolhas. Esse dado dialoga com informações mais amplas sobre o uso do *YouTube* no Brasil, como indica a figura a seguir (Figura 1):

Figura 1. Uso do YouTube como ferramenta de aprendizado no Brasil



Fonte: Oxford Economics: Relatório de Impacto | *YouTube* Brasil 2020.19.

Os dados revelam que a plataforma desempenha um papel significativo no contexto educacional, sendo amplamente considerada uma fonte de aprendizado e, em muitos casos, uma ferramenta indispensável para complementar os estudos. Ela atende desde estudantes em fase escolar até o público adulto em busca de aprendizado contínuo, evidenciando uma transformação nas formas de aprendizagem e na relação com o conhecimento. No entanto, essa ampla utilização também traz desafios, especialmente no que diz respeito a verificabilidade das informações divulgadas. A ausência de filtros rigorosos pode comprometer a qualidade e a credibilidade dos conteúdos consumidos, exigindo dos usuários uma postura crítica e cuidadosa ao buscar conhecimento na plataforma.

Além disso, o *YouTube* se expandiu a ponto de atuar também como um espaço de produção econômica, desempenhando um papel relevante no mercado. Em diversos países, incluindo o Brasil, há criadores de conteúdos que tem seus canais como sua principal ou até mesmo única fonte de renda. Essa lógica de mercado, embora democratize o acesso e a criação de conteúdo, traz desafios e ressalvas, principalmente no campo educacional, uma vez que democratizar a educação e torná-la mais acessível, não elimina riscos, seja na qualidade do material disponível, seja na influência econômica subjacente, afinal, como aponta Malerba (2014), descobriram que o passado pode representar bons negócios.

No caso dos conteúdos relacionados à história, esses desafios tornam-se ainda mais sensíveis. A crescente busca por vídeos de caráter histórico, muitas vezes utilizados como

¹⁹ Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/impacto-economico-cultural-social-youtube-brasil/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

ferramentas complementares ao trabalho do professor, tem impulsionado a criação de canais voltados para aulas de história ou temas relacionados à disciplina, o que evidencia a diversidade de perspectivas, mas também levanta preocupações quanto à precisão, a profundidade e a qualidade do conteúdo compartilhado.

Nesse sentido, Jurandir Malerba ressalta um aspecto crítico desse fenômeno:

[...] há também o lado sombrio desse fenômeno, que é justamente o da qualidade dessa história feita por pessoas sem treinamento profissional. Essa história produzida por leigos costuma ser uma história muito ruim. A história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público, e sim a história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica, biográfica, das grandes batalhas, em rápidas narrativas dramáticas inflamadas. (2014, p.32)

Os dados que já foram apresentados ao longo desta pesquisa deixam evidente que há uma expressiva demanda social por conteúdos históricos. No entanto, a popularização da história nas mídias sociais muitas vezes resulta em produções de qualidade duvidosa. A análise de Malerba sublinha a necessidade de cautela ao consumir conteúdos históricos amplamente acessíveis, especialmente aqueles produzidos por entusiastas. Nesse contexto, temos como exemplo um dos maiores canais brasileiros que entre outros temas, aborda conteúdos históricos, embora atraia um grande público, seu conteúdo inicialmente não era produzido por um historiador, mas por um influenciador digital entusiasta da história.²⁰

O canal *Nostalgia*, criado por Felipe Castanhari²¹ em 2011, tinha como objetivo gravar vídeos com conteúdo sobre desenhos e jogos antigos: “eu queria algo sobre coisas como Sonic e desenhos antigos, mas ninguém tinha criado nada sobre isso. Percebi então uma demanda pelo tema e resolvi desenvolver meu primeiro vídeo” disse o *youtuber*²² em entrevista para o site *O Globo*.²³ O canal continua crescendo e conta com mais de 14.900.000 pessoas inscritas, com 1.563.434.746 de visualizações, também possui milhões de seguidores nas suas redes sociais, sendo no *Instagram* 7,4 milhões de seguidores e no *TikTok* mais de 1 milhão.

²⁰ Atualmente, o canal conta com a consultoria do historiador Caio Vinicius Godoy Mattos, formado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), para produção dos roteiros dos vídeos do quadro *Nostalgia História*. Essa informação aparece disponível na descrição dos vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/@nostalgia>. Acesso em: 03 dez 2024.

²¹ Felipe Mendes Castanhari tem formação acadêmica em designer gráfico, é *youtuber*, animador 3D, apresentador e diretor dos canais *Nostalgia e Mundo Mistério*. Disponível em: <https://www.instagram.com/fecastanhari>. Acesso em: 03 dez 2024.

²² É chamado de *YouTuber* o criador de conteúdo que utiliza a plataforma *YouTube* para produzir e compartilhar vídeos.

²³ Disponível em: < <https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Mundo-digital/noticia/2015/04/jovem-mostra-que-e-possivel-ganhar-dinheiro-com-vidEOS-na-internet.html>>. Acesso em: 03 dez 2024.

Figura 2. O canal *Nostalgia* – Layout do canal

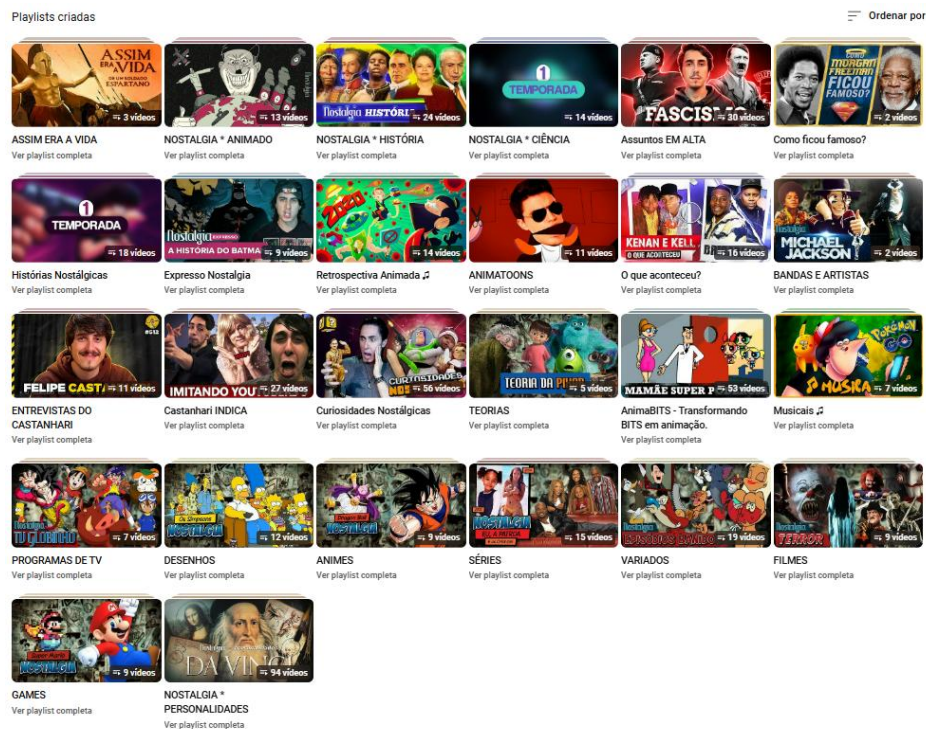


Fonte: *YouTube* (2024).

Quando acessado, esse é o *layout* do canal (Figura 2), que transmite um certo profissionalismo e apresenta uma identidade alinhada com o conteúdo que é abordado, história, ciência e cultura, sendo possível ser percebida pela imagem de capa que apresenta elementos históricos e artísticos. A foto de perfil de Felipe Castanhari reforça sua identidade como criador de conteúdo, passando uma certa confiabilidade e carisma.

O canal *Nostalgia* hoje conta com 26 subdivisões dos vídeos, o que pode ser chamado de “Quadros do canal” (Figura 3).

Figura 3. Estrutura dos Quadros do Canal *Nostalgia*



Fonte: *YouTube* (2024).

Dentre os Quadros do canal *Nostalgia*, o *Nostalgia História* é o que mais se relaciona com este trabalho. Com 23 vídeos que exploram conteúdos históricos²⁴, cada um com duração média entre uma hora e uma hora e meia, o quadro apresenta números impressionantes, sendo que alguns ultrapassam 22 milhões de visualizações. Ele se destaca ao abordar eventos históricos que despertam grande interesse e curiosidade entre o público jovem, como as Guerras Mundiais, Fascismo, Nazismo e Ditadura Militar.

Esses temas coincidem, em grande parte, com os assuntos apontados na pesquisa que realizei com os estudantes (Figura 4), os quais também demonstraram preferência por conteúdos relacionados às grandes guerras, regimes totalitários e questões políticas relevantes, reforçando a conexão entre o conteúdo produzido pelo canal e os interesses do público escolar.

Figura 4 – Assuntos de História no YouTube

Quais assuntos de história você gosta ou gostaria de aprender utilizando o Youtube?

19 respostas

A América no século XIX

revolução industrial, século XIX

Guerra mundial

Gosto de assuntos que falam do comunismo, socialismo e capitalismo. Assuntos polêmicos e bastante discutidos atualmente.

Querua aptender mais sobre o facismo e nazismo

Não tenho um específico.

Primeira e segunda guerra mundial, sobre o apartheid, o Nasizismo, História de Anne Frank e tambem gostei de estuda sobre a história de Nelson Mandela

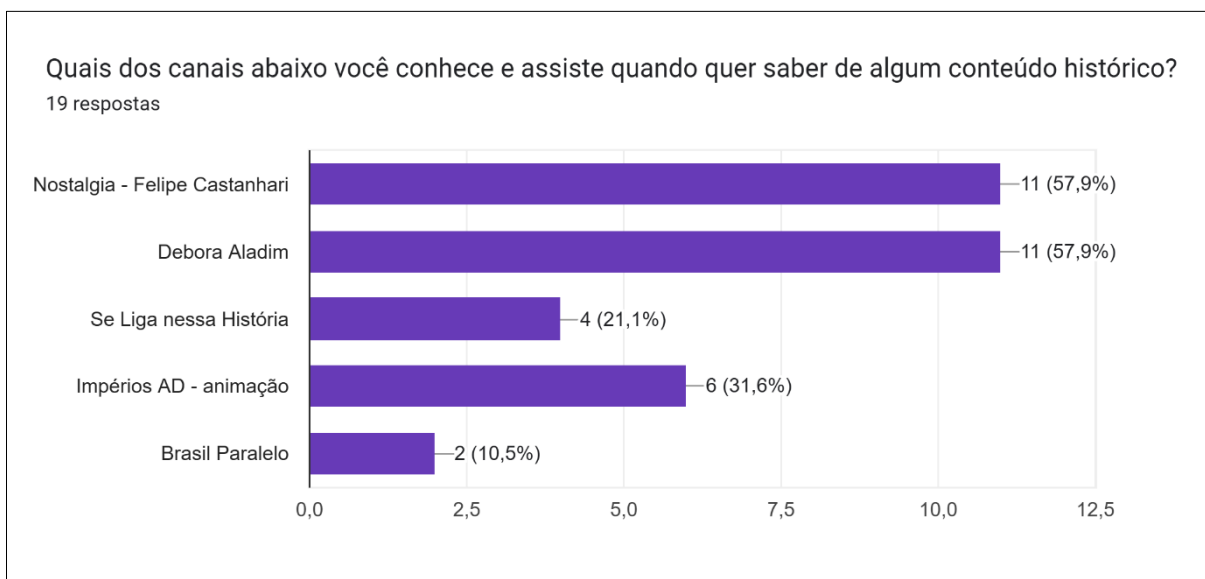
Revolução Industrial

Fonte: Elaboração da autora (2023).

²⁴ “Coreia do Norte vai causar a terceira Guerra Mundial”; “Entenda a Guerra da Síria de um jeito muito simples”; “A História por trás do 11 de Setembro”; “de Napoleão até Neil Armstrong”; “Guerra Fria – EUA vs URSS”; “PT-BR”; “E se Hitler tivesse vencido a Segunda Guerra?”; “A verdade por trás da morte de Hitler”; “Adolf Hitler – História”; “Segunda Guerra Mundial”; “Primeira Guerra Mundial”; “Um dia em Chernobyl”; “O que o Império Romano fez de errado?”; “Por que os Maias desapareceram?”; “Os mistérios do Antigo Egito”; “O que é Fascismo? Entenda de um jeito simples”; “O dia em que o Brasil secou”; “O Brasil depois da abolição da escravidão”; “Regime/Ditadura Militar”; “Entenda a Guerra entre Rússia e Ucrânia”; “A História do Japão”; “Como a Revolução Francesa mudou o mundo”; “Guerra da Coreia – A História completa”. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL2EJIPZ0iJu7JMchSngqLHyZV_sU91N7Y. Acesso em: 03 dez 2024.

A relevância do canal *Nostalgia* fica evidente quando analisamos os dados do próximo gráfico (Gráfico 4).

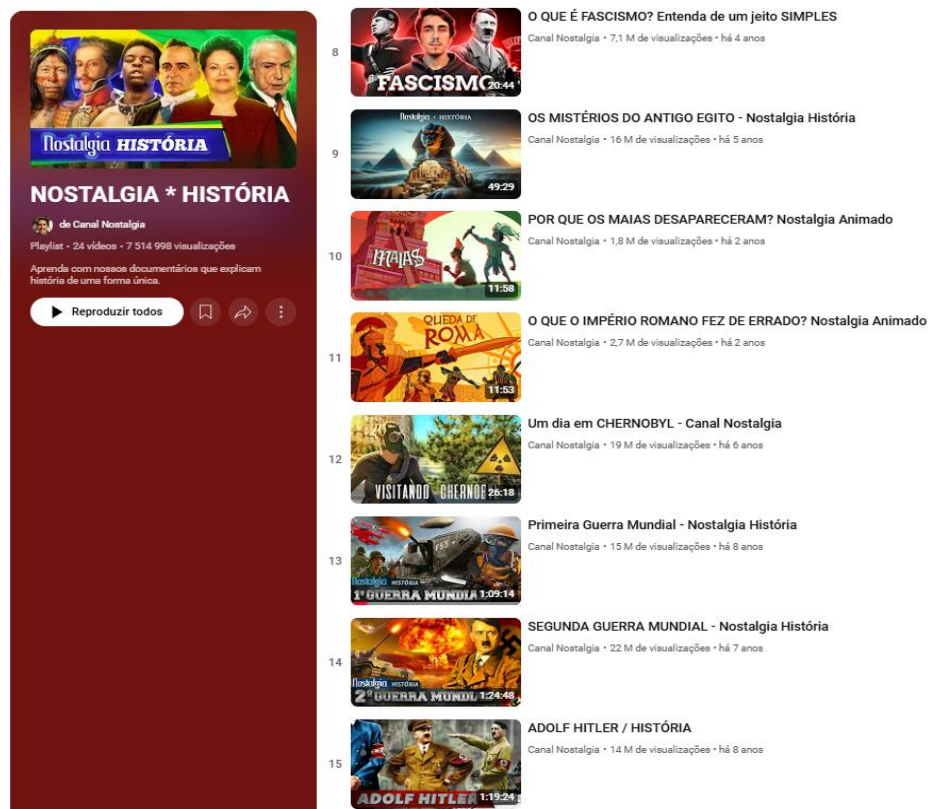
Gráfico 4 – Canais históricos mais assistidos



Fonte: Elaboração da autora (2023).

Nele, é possível observar que, ao serem questionados sobre qual canal sugeririam para aprender conteúdos históricos, a maioria dos alunos escolheu o canal do Felipe Castanhari. Essa preferência não é surpreendente, considerando a forma com que os vídeos abordam temas de grande interesse, como já apontado anteriormente. A escolha de contar eventos históricos complexos com uma linguagem mais atraente e acessível mantém a atenção do público jovem, normalmente são vídeos que apresentam grandes produções visuais, que dinamizam a fala do apresentador. Além do conteúdo em si, o apelo estético dos vídeos também desempenha um papel fundamental nessa atração.

Figura 5 – *Thumbnails* dos vídeos



Fonte: *YouTube* (2024)

As *thumbnails*²⁵ (Figura 5) dos vídeos utilizam elementos visuais marcantes, refletindo a habilidade de Felipe Castanhari como designer gráfico. Com produções criativas e bem editadas, elas apresentam cores vibrantes, personagens históricos ou representações simbólicas, como Hitler, soldados, ruínas, além de textos em destaque, enfim, reúnem elementos que captam a atenção do público e comunicam rapidamente o tema do vídeo. A combinação de imagens impactantes e títulos chamativos reforça o apelo emocional e a curiosidade, instigando especialmente o público jovem interessado em temas históricos.

O sucesso do canal *Nostalgia*, bem como outros canais que aparecem como preferidos dos estudantes, ilustra o potencial do *YouTube* como uma plataforma que tem sido cada vez mais utilizada como ferramenta de ensino. Como nativos digitais, os estudantes cresceram em um ambiente profundamente marcado pela tecnologia. Na pesquisa realizada com os estudantes, é possível observar que eles de fato cresceram em um ambiente imerso em tecnologia, pois praticamente todos possuem dispositivos celulares desde muito novos e tem acesso a internet em casa, como evidenciado nos resultados, que mostram que 100% acessam o *YouTube*, majoritariamente por meio dos dispositivos móveis. Apesar de apresentarem

²⁵ *Thumbnail* é uma imagem em miniatura utilizada para chamar a atenção e oferecer uma prévia visual do conteúdo principal.

características socioeconômicas de classe média-baixa, esses alunos têm acesso a serviços básicos e usufruem das oportunidades que as tecnologias oferecem, informações que serão discutidas mais adiante com mais atenção.

Essa imersão tecnológica também molda a forma como os estudantes percebem o processo de aprendizado. Eles tendem a enxergar plataformas digitais como o *YouTube* como fontes legítimas de conhecimento, acreditando que o processo de aprendizado mediado por vídeos ou conteúdos digitais em geral, os coloca em igualdade de conhecimentos com seus professores. Essa mudança na relação entre estudantes e conteúdo instantâneo e ilimitado reflete também uma transformação nas expectativas sobre o papel dos docentes, que, como observa Flávia Caimi (2015), tem enfrentado exigências cada vez mais complexas e desafiadoras.

De acordo com a autora:

Nas últimas décadas, os processos de mudança social e as políticas de transformação educativa têm feito com que os requerimentos para desempenho dos professores sejam mais complexos e exigentes. Os docentes em geral, não só os que atuam na disciplina de História, são hoje chamados a exercer o seu trabalho com níveis mais altos de autonomia [...] exige-se um domínio disciplinar que os habilite a não oferecer respostas únicas, considerando-se a dinamicidade da produção e disseminação do conhecimento na atualidade. (2015, p. 109)

Esse cenário coloca os docentes diante da necessidade de se adaptar às novas formas de ensino mediadas pela tecnologia, o que implica, também, em um repensar do seu papel na sala de aula, frente a um público que já lida com as ferramentas digitais de maneira autônoma e instantânea. Contudo, apesar de o cenário contemporâneo, por vezes, desafiar a tradicional concepção do papel do docente, “o professor é aquele que sabe antes que os alunos e pode traçar os itinerários mais adequados para conduzi-los à aprendizagem” (CAIMI, 2015, p. 113), pois, supõe-se que ele tem “amplitude e profundidade dos conteúdos, os princípios organizadores e a interação complexa entre os elementos que compõem o saber disciplinar” (id., p. 113)

Entretanto, o ofício exige dos professores uma constante atualização e ampliação de seus conhecimentos, além da capacidade de investigar as diversas questões que surgem em suas áreas de atuação. O trabalho docente não se resume apenas ao domínio de conteúdos ou à transmissão de informações sobre um evento ou período histórico, é um engano acreditar que a simples apresentação do conteúdo põe a inteligência em movimento, diz Bernard Charlot (2006). Ele demanda a habilidade de desenvolver uma prática reflexiva, essencial para orientar os alunos na interpretação e contextualização de informações. Nesse sentido, o uso de produções audiovisuais, especialmente as vinculadas ao *YouTube*, representa um grande desafio

para os professores, particularmente no que tange à construção de discursos contemporâneos sobre o passado, pois:

Os produtores audiovisuais tornaram-se vorazes competidores dos historiadores na tarefa de enunciar os discursos sobre o passado. Entretanto, eles enfrentam essa competição com a vantagem de poderem veicular suas narrativas históricas em meios de massa. Além disso, as possibilidades de construção narrativas que o aparato audiovisual permite são incrivelmente sedutoras e, de modo inequívoco, apresentam imenso apelo popular. (SANTOS, 2015, p. 14)

Nesse sentido, o *YouTube* se apresenta como uma plataforma com alto potencial para o ensino, mas é um equívoco acreditar que ensinar é uma tarefa relativamente fácil. Como Flávia Caimi (2015) ressalta, ensinar de fato é fácil, o verdadeiro desafio está em fazer o outro aprender. Ensinar não é apenas transmitir conteúdos; trata-se de criar condições necessárias para que os alunos possam mobilizar-se intelectualmente, o que exige uma prática pedagógica cuidadosa e estratégica.

Nessa perspectiva, entendemos a tarefa de ensinar como a apropriação, pelo professor, de conhecimentos pedagógicos que lhe permita mobilizar estratégias e recursos que transformem os conhecimentos científicos em “saberes escolares ensináveis”, em conhecimentos válidos socialmente, pertinentes às características e finalidades da escola nas sociedades contemporâneas e que produzam sentido àqueles/naqueles que são os aprendentes. (CAIMI, 2015, p. 115)

Esse entendimento reforça a necessidade de abordagens mais críticas no consumo de materiais audiovisuais, como aqueles disponíveis no *YouTube*, a fim de evitar uma visão distorcida ou superficial da história. Embora sua linguagem acessível e apelo visual tornem temas complexos mais atraentes, é fundamental que esses recursos sejam acompanhados de reflexões embasadas, que garantam a interpretação histórica em sua devida profundidade e complexidade, assegurando que os estudantes possam ir além do mero consumo passivo e desenvolver uma compreensão crítica e contextualizada dos conteúdos apresentados.

CAPÍTULO 3

A AUDIÊNCIA ESCOLAR NO YOUTUBE

A motivação que deu origem ao presente trabalho foi investigar e analisar o uso do *YouTube* como ferramenta de aprendizagem complementar ao papel do(a) professor(a). Nesse sentido, a pesquisa se constituiu a partir de um processo de questionamentos acerca de um contexto específico: os estudantes do *Colégio Tempus*, a fim de compreender de que forma os alunos dessa instituição escolar utilizam o *YouTube* como recurso para apoiar seus processos de aprendizagem e discutir os desafios que são apresentados ao professor(a), especialmente o de História, na contemporaneidade.

O *Colégio Tempus*, onde foi desenvolvido esse estudo investigativo, é uma instituição privada que está localizada na região do Piemonte da Chapada Diamantina, no município de Jacobina, interior da Bahia. O colégio fica situado em um bairro que reflete um equilíbrio entre características urbanas e residenciais, apesar de não ser considerado um bairro periférico, também não possui o perfil de áreas de classe média alta. A região específica apresenta uma infraestrutura moderada, com comércios locais, serviços básicos acessíveis e uma comunidade diversa, composta por famílias de diferentes contextos econômicos.

Os estudantes refletem a diversidade característica da região onde a escola está localizada, eles pertencem a famílias que, em sua maioria, estão inseridas em nível de classe média-baixa. Embora algumas famílias enfrentem desafios financeiros e contem com o apoio escolar, a maioria possui renda suficiente para cobrir despesas educacionais, isso demonstra um esforço em priorizar a educação de seus filhos em instituições privadas, mesmo em cenários de restrições econômicas. Por estar situada em um bairro predominantemente residencial, grande parte dos estudantes reside nas proximidades, em lares estruturados e com acesso a serviços básicos, como saúde, transporte e internet. Muitos pais ou responsáveis estão inseridos no mercado de trabalho formal, atuando em setores como comércio, serviços públicos e pequenos empreendimentos.

Uma característica marcante e que diferencia o *Colégio Tempus* é sua identidade como uma instituição cristã, que orienta seus valores e práticas pedagógicas a partir de princípios bíblicos. A escola busca integrar princípios éticos e morais ao processo educativo, promovendo não apenas a formação acadêmica, mas também o desenvolvimento integral dos estudantes,

com ênfase na espiritualidade. Portanto, essa identidade cristã também reflete no perfil das famílias que escolhem o colégio; a maioria dos pais ou responsáveis compartilham desses valores, priorizando um ambiente escolar que alinhe ensino com princípios cristãos.

A base moral formada por princípios cristãos influencia diretamente na visão de mundo dos estudantes, que muitas vezes trazem para a sala de aula opiniões fortemente moldadas por esse contexto. Ao abordar temas ou eventos históricos, principalmente que envolvem questões sociais e políticas, como por exemplo, as lutas por direitos civis ou conflitos ideológicos, muitos estudantes demonstram uma postura de moral conservadora, que tende a simplificar as situações em conceitos de certo ou errado, de acordo com a moral cristã. Esse tipo de visão, atrelada ao acesso a versões transfiguradas ou tendenciosas do passado, disponíveis hoje de forma facilitada pelas mídias digitais, como no caso do *YouTube*, objeto de pesquisa desse trabalho, torna-se um desafio ainda maior para o ensino de História.

Esse desafio pode ser ilustrado pelo relato do estudante Augusto, mencionado no início deste trabalho. Ele afirmou que a ditadura civil-militar no Brasil nunca existiu, sustentando sua visão em vídeos do *YouTube*, produzidos por influenciadores digitais. Esse relato evidencia como algumas versões distorcidas, prática característica do negacionismo histórico, veiculadas nas mídias digitais, impactam diretamente a compreensão dos estudantes sobre o passado, dificultando a aplicação de uma análise crítica e da construção de uma consciência histórica.

Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender de que forma esses estudantes têm buscado e interpretado informações históricas disponíveis nas mídias digitais. Para isso, este trabalho realizou uma pesquisa com o objetivo de explorar uma realidade específica, sem a intenção de gerar conclusões aplicáveis a outros contextos. Metodologicamente, a pesquisa foi estruturada a partir da aplicação de dois questionários, utilizando a plataforma *Google Forms* e o processo utilizado para obtenção dos dados se deu em duas etapas.

Para alcançar o objetivo proposto neste estudo, foi aplicado um primeiro questionário nas turmas do Ensino Fundamental II, especificamente no 8º e 9º ano do *Colégio Tempus*, no ano de 2023. A turma do 8º ano era composta por 19 estudantes, com idades variando entre 12 e 14 anos, enquanto a turma do 9º ano contava com 11 estudantes, cuja faixa etária estava entre 14 e 15 anos. Do total de 30 alunos, 19 responderam ao questionário, sendo 8 do 8º ano e 10 do 9º ano.

O questionário foi composto por doze questões, organizadas em três níveis. No primeiro, o objetivo era que os estudantes se identificassem, fornecendo informações como nome, idade

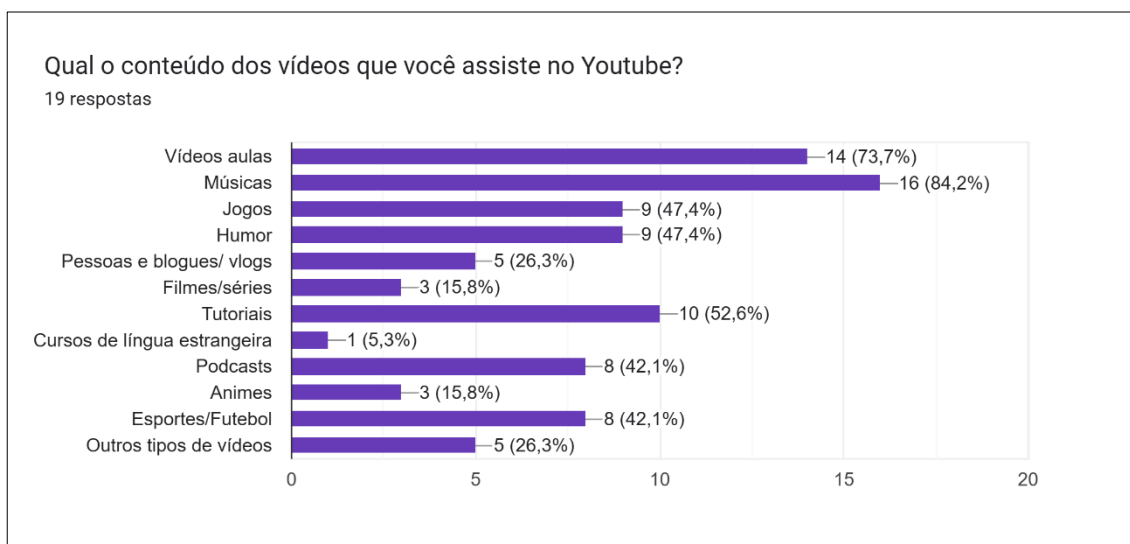
e ano de estudo. O segundo nível buscou explorar a acessibilidade à internet, incluindo os dispositivos utilizados para acesso, bem como o uso da plataforma *YouTube*. No terceiro e último foram apresentadas cinco perguntas específicas, com intuito de explorar aspectos relacionados ao uso do *YouTube* como ferramenta de aprendizagem. Essas questões abordaram as razões que motivaram os estudantes a utilizar para buscar conhecimento, se a utilizavam para aprender História, a viabilidade de estudar essa disciplina por meio dos vídeos, os temas do currículo escolar que mais lhes interessavam e quais eram seus canais preferidos.

Na análise, o foco principal recaiu sobre as respostas dos estudantes relacionados ao uso do *YouTube* como ferramenta de aprendizagem. No entanto, é relevante apresentar os resultados das questões iniciais, que justificam a investigação sobre a plataforma. As três primeiras perguntas buscaram informações pessoais, como nome, idade e ano de estudo, e não serão discutidas nesse texto. Já na questão quatro, os estudantes foram questionados diretamente sobre sua utilização do *YouTube* (Gráfico 2, p. 30).

Como foi possível observar no (Gráfico 2, p. 30), 100% dos estudantes indicaram que assistem a vídeos no *YouTube*. Na pergunta seguinte eles foram solicitados a indicarem qual dispositivo utilizavam para acessar a plataforma, os resultados mostraram que 73,7% preferem o celular, 15,8% utilizam a TV e 10,5% acessam por meio do notebook. Na questão seguinte, os estudantes foram questionados sobre a frequência de uso da plataforma durante a semana: 68,4% afirmaram utilizá-lo diariamente, 26,3% entre duas ou três vezes por semana e 5,3% apenas uma vez por semana. Posteriormente, os alunos responderam sobre o tempo dedicado à plataforma: 47,4% relataram utilizar por até 1 hora, 31,6% entre 2 a 4 horas e 21,1% indicaram o uso prolongado de 8 a 12 horas, um período de tempo significativo, considerando a enorme quantidade de estímulos visuais que os usuários da internet recebem ao acessar páginas como o *YouTube*.

A questão oito teve como objetivo identificar os tipos de conteúdo que os estudantes procuram no *YouTube* (Gráfico 5). Nessa questão específica, foi permitido aos participantes marcarem mais de uma alternativa, possibilitando uma análise mais ampla de suas preferências e interesses na plataforma.

Gráfico 5 – Conteúdo dos vídeos assistidos no YouTube



Fonte: Elaboração da autora (2023).

A maioria dos respondentes, 16 dos 19 estudantes (84,2%), indicou que busca por músicas no *YouTube*, sendo esta opção a mais selecionada. Em seguida, 14 estudantes (73,7%) apontaram as vídeo aulas como segundo tipo de conteúdo mais acessado. No contexto educativo, além das vídeo aulas, apenas 1 participante (5,3%) mencionou utilizar a plataforma para realizar cursos de língua estrangeira. Os demais utilizam o *YouTube* predominantemente para entretenimento, explorando conteúdos como jogos, humor, blogues/vlogs, filmes/séries, tutoriais, podcasts, animes, esportes/futebol, entre outros tipos de vídeos que não foram detalhados.

O dado que chama mais atenção para os objetivos desta pesquisa é o número expressivo de estudantes (73,7%), que indicaram as vídeo aulas como um dos conteúdos mais acessados na plataforma. Com base nesse resultado, a questão seguinte buscou explorar com maior profundidade as principais razões que motivam os alunos a utilizar o *YouTube* para aprender ou buscar conhecimento. Nessa questão (Tabela 1), os estudantes tiveram acesso a diferentes opções de resposta que puderam selecionar mais de uma alternativa, permitindo uma análise mais detalhada sobre o papel da plataforma no apoio ao aprendizado.

Tabela 1 – Razões para utilizar o *YouTube* como fonte de aprendizado

PRINCIPAIS RAZÕES	RESPOSTAS
Aprendo melhor assistindo vídeos.	14 (73,7%)
Como forma de se preparar para avaliações da escola (provas, testes, trabalhos, etc.)	13 (68,4%)
Facilidade no acesso aos conhecimentos.	9 (47,4%)
Aprendo melhor com visualização de imagens, fotos, ilustrações inseridas nos vídeos.	9 (47,4%)
Gosto de aprender /buscar conhecimentos por conta própria.	5 (26,3%)
Os vídeos utilizam uma linguagem mais acessível para compreensão dos conhecimentos.	5 (26,3%)
Conheço outras versões sobre o conteúdo, diferente da que aprendo em sala de aula.	1 (5,3%)

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Os dados da tabela reafirmam o uso significativo da plataforma do *YouTube* como ferramenta de aprendizado entre os estudantes, destacando as razões mais citadas para o consumo de vídeos no eixo educacional. A principal motivação mencionada foi a percepção de que os alunos aprendem melhor assistindo a vídeos (73,7%), o que sugere uma preferência pelo formato audiovisual em detrimento de métodos tradicionais de ensino.

Conforme destaca Osvaldo Rodrigues Jr (2022), com base na concepção de Debray (1993), aponta que a imagem eletrônica, como os vídeos, transmite uma sensação de realidade tão convincente que acaba ofuscando ou enfraquecendo o impacto de outras formas de comunicação, como o discurso verbal. Isso sugere que, o vídeo é percebido como uma representação direta e inquestionável da verdade, reforçada pela impressão de que “é assim mesmo” que as coisas são. Essa preferência também pode ser explicada pelo dinamismo da combinação de som e imagem, mencionado por 47,4% dos estudantes, e pela linguagem acessível utilizada nos vídeos, destacada em 26,3% das respostas. Esses elementos proporcionam uma sensação de facilidade na assimilação dos conteúdos, tornando o aprendizado mais atrativo.

Entretanto, essa preferência pelo formato audiovisual, embora eficiente em facilitar o acesso, como foi mencionando por nove alunos (47,4%), traz consigo desafios importantes, especialmente no ensino de História. Como pontua Flávia Caimi (2015), ensinar História exige mais do que conhecimentos pedagógicos; é imprescindível que o professor domine os saberes

a ensinar. Isso significa ir além dos conteúdos superficiais, pois o conhecimento histórico, segundo a autora, é o “insumo que possibilita ao professor selecionar conceitos e informações históricas com critérios cientificamente fundamentados” (2015, p. 113), diferenciando assim o ensino crítico e reflexivo das abordagens fragmentadas ou sensacionalistas que muitas vezes circulam nos meios digitais.

Nesse contexto, o uso de plataformas digitais como o *YouTube*, quando direcionado apenas para facilitar a assimilação, pode reforçar o que Caimi (2015) chama de “escola vazia de conhecimentos significativos”. Ou seja, os estudantes acessam conteúdos que, embora apresentem informações sobre determinados eventos ou períodos históricos, carecem de rigor historiográfico e de uma contextualização crítica.

Além disso, 68,4% dos estudantes afirmam utilizar a plataforma como forma de se preparar para as avaliações escolares, como provas, testes e trabalhos. Essa prática, quando baseada em explicações simplistas pode comprometer o desenvolvimento de habilidades críticas que se fazem necessárias para análise e interpretação dos conteúdos históricos. Embora o *YouTube* ofereça acesso rápido e dinâmico às informações, ele não substitui o papel do professor(a), que, como afirma Caimi (2015), domina a natureza e a estrutura do conhecimento histórico e os métodos de investigação que fundamentam a História como ciência. Fora desse contexto, o consumo de vídeos dessa natureza tende a priorizar apenas a memorização de fatos, o que impacta diretamente no desempenho escolar em atividades que demandam maior análise crítica.

Por fim, outros aspectos relevantes apontados na tabela (Tabela 1) foram o gosto por buscar conhecimentos de forma autônoma (26,3%) e o interesse em conhecer outras versões dos conteúdos (5,3%), diferentes das apresentadas em sala de aula. Esses resultados sugerem que, embora a plataforma atenda à demanda por conteúdos de fácil compreensão, ela muitas vezes oferece explicações simplistas, o que evidencia uma lacuna no uso crítico da ferramenta, limitando a reflexão histórica e a compreensão crítica.

Na questão seguinte, ao serem perguntados se acreditam que o *YouTube* pode ser utilizado para aprender História, todos os 19 respondentes afirmaram que sim, reforçando as tendências identificadas anteriormente. As justificativas apresentadas, no entanto, refletem pontos interessantes que merecem ser ressaltados. Quando eles afirmam que o *YouTube* facilita o aprendizado ao oferecer explicações compreensíveis, conteúdo interativo, além de servir como complemento para temas não assimilados durante a aula, dados que reforçam as respostas

da perguntar anterior. As respostas como “*caso a pessoa não consiga entender o assunto durante a aula, é interessante pesquisar no YouTube*” e “*facilita para o aprendizado*” indicam que os estudantes utilizam os vídeos como forma de sanar dúvidas e buscar autonomia no estudo. Esse comportamento dialoga diretamente com os dados da tabela anterior (Tabela 1), onde 26,3% dos alunos afirmaram gostar de buscar conhecimento por conta própria.

Outro aspecto relevante é a percepção de que a plataforma apresenta conteúdos em formatos resumidos e simplificados, como apontado na resposta “*uns mais complexos e com uma linguagem formal, e outros mais simples, como se fosse um pequeno resumo*”. Essa afirmação reforça a predominância de materiais que priorizam a assimilação superficial dos conteúdos históricos, ao invés de promover análises mais críticas.

Esse fenômeno pode ser problemático, pois conforme destaca Flávia Caimi (2015), o ensino de História exige uma abordagem que vá além da memorização de fatos e eventos. Como observa a autora:

Dentre os elementos que compõem a tarefa de ensinar do professor de História, pode-se elencar a necessidade de contextualizar os espaços educativos onde se inscreve o trabalho docente; apropriar-se de marcos teóricos que possibilitem analisar a complexa trama onde as práticas educativas se produzem e reproduzem; ir além de aprender História para si, já que precisa ensinar outros a pensar historicamente de maneira crítica. (2015, p. 117)

Essa reflexão evidencia que, embora a ferramenta facilite o acesso ao conhecimento, quando utilizada de maneira acrítica, pode reforçar um “conhecimento vazio”. A resposta “*nenhum supera os professores que dão aulas presenciais (os bons)*” ressalta a importância do mediador – o/a professor(a) – no processo de aprendizagem. É ele quem garante que o conhecimento histórico seja abordado de maneira crítica, contextualizada e significativa, mobilizando metodologias que incentivem a análise, a interpretação e a reflexão.

Dessa forma, os vídeos, em seus formatos resumidos, não mobilizam metodologias que incentivem a análise crítica, a interpretação e a contextualização histórica, nem transforma o aprendizado em um processo reflexivo. A facilidade de acesso ao conteúdo, portanto, pode mascarar a ausência de rigor historiográfico necessário para a construção de uma consciência histórica.

Após analisar as percepções dos alunos sobre o uso do *YouTube* e os desafios associados a superficialidade de alguns conteúdos, a próxima questão buscou explorar os interesses dos estudantes em relação aos temas de História que eles gostam ou gostariam de aprender na

plataforma (Figura 4, p. 37), essa abordagem permitiu identificar os temas de maior atratividade.

As respostas à pergunta “Quais assuntos de história você gosta ou gostaria de aprender utilizando o YouTube?” (Figura 4, p. 37), revelam interesses variados, mas com uma predominância por assuntos relacionados às grandes guerras, regimes totalitários e revoluções históricas. Essa preferência já havia sido mencionada anteriormente, em conexão com o conteúdo do canal *Nostalgia*, que aborda muitos desses temas. No entanto, ao aprofundar a análise das respostas, surgem novas possibilidades de reflexão sobre o que esses estudantes buscam ao consumir conteúdos históricos na plataforma.

Entre os tópicos mencionados, destaca-se a Segunda Guerra Mundial, que foi citada direta ou indiretamente em 10 das 19 respostas, evidenciando seu apelo significativo tanto pelo impacto histórico quanto pela abundância de material disponível sobre o tema em diferentes mídias. Outro ponto relevante, é o interesse por temas como revolução industrial, liberalismo e questões políticas como comunismo, socialismo, capitalismo e até mesmo fascismo. Esses assuntos refletem uma curiosidade dos alunos em entender contextos econômicos sociais que moldaram a modernidade bem como conteúdos que expliquem os processos estruturais da história.

Além disso, o interesse dos estudantes por temas relacionados a questões políticas pode estar ligado ao fato de que, a partir de 2018, o cenário político brasileiro foi marcado por uma forte polarização entre diferentes vertentes ideológicas, o que trouxe essas questões para o centro das discussões públicas. Palavras como “comunismo”, “socialismo” e “fascismo” passaram a ser amplamente debatidas, tanto no discurso político quanto nas redes sociais, muitas vezes de maneira simplificada ou distorcida.

Nesse sentido, como destaca Osvaldo Rodrigues Jr. (2022), em sua análise sobre o termo fascismo nesse contexto político, “o debate público sobre fascismo, democracia e autoritarismo estava no centro das discussões sociais” (2022, p. 367). O autor ainda ressalta que esse debate ganhou ainda mais relevância em 31 de maio de 2020, quando manifestações antifascistas organizadas por torcidas organizadas e movimentos sociais ocorreram simultaneamente a atos promovidos por grupos de extrema-direita. Esses eventos, realizados em plena pandemia da Covid-19, evidenciam como a polarização política se manifestou tanto no espaço público quanto no virtual, influenciando a percepção de questões históricas e políticas, especialmente entre os jovens.

Como destaca Osvaldo Rodrigues Jr. (2022):

O que se viu após as manifestações foi um crescimento exponencial do interesse pelo tema fascismo e pelos movimentos antifascistas. De acordo com o *Google Trends*, na semana de 29/05 a 05/06, as buscas pelos termos fascismo e antifascismo aumentaram 1126% e 5000%, respectivamente. A pergunta “O que é fascismo?” ficou em 6º lugar entre as mais procuradas no ano de 2020 no Brasil. Na esteira desse interesse, a edição de domingo, 7 de junho de 2020, o programa *Fantástico* da Rede Globo apresentou um quando intitulado “O que é fascismo?” [...] O *Fantástico* ainda disponibilizou um *podcast*: “Afinal, o que é fascismo?”, que contou com a participação de especialistas. Além da “mídia tradicional”, outros desdobramentos do aumento do interesse pela temática foram a viralização dos filtros antifascistas nas redes sociais e o aumento da produção de conteúdos sobre a temática para as plataformas de compartilhamento de vídeo, com destaque para o *YouTube*. (2022, p. 367)

Esse expressivo interesse pelo tema nas mídias tradicionais e nas plataformas digitais demonstra como momentos de crise política e social despertam reflexões mais amplas sobre questões históricas. Dessa forma, é possível observar que, embora a polarização política tenha gerado tensões e debates violentos, ela também evidenciou a importância de um ensino de História que promova a análise crítica e reflexiva sobre os acontecimentos. De maneira geral, esse contexto proporcionou uma oportunidade de envolvimento com temas relacionados à democracia, autoritarismo e direitos civis, tanto para jovens estudantes quanto para a população em geral.

Além disso, as demais respostas mostram que os interesses dos estudantes em relação aos temas de História dialogam não apenas com essas questões amplamente debatidas na esfera pública, mas também com curiosidades pessoais sobre o passado, como o interesse por assuntos locais, como a história da própria cidade, e por tópicos mais amplos, como “mistérios da Antiguidade”, o que evidencia uma curiosidade que ultrapassa o currículo tradicional, abrangendo tanto o global quanto o regional.

Esse interesse diversificado, também se manifesta na escolha de ferramentas e recursos digitais utilizados para aprender História. Nesse contexto, a questão doze permitiu aprofundar os resultados ao perguntar quais canais eles conhecem e assistem quando buscam conteúdos históricos, de uma lista de cinco opções: Canal *Nostalgia*²⁶, Canal *Débora Aladim*²⁷, Canal *Se*

²⁶ Como mencionado anteriormente, o canal foi criado em 2011 por Felipe Castanhari, design gráfico. Atualmente, o canal conta com mais de 14,9 milhões de inscritos e 1.563.434.746 visualizações, consolidando-se como um dos maiores canais que abordam, entre outros temas, conteúdos históricos. Disponível em: <https://www.youtube.com/@nostalgia>. Acesso em: 20 dez 2024.

²⁷ Débora Aladim é natural de Minas Gerais, formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Criou seu canal no *YouTube* em 2013, que atualmente possui 3,87 milhões de inscritos e 289.421.082 visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/@deboraaladim>. Acesso em: 20 dez 2024.

*Liga Nessa História*²⁸, Canal *Impérios AD*²⁹ e Canal *Brasil Paralelo*³⁰. É importante destacar que os respondentes tiveram liberdade para marcar quantas alternativas quisessem, embora a análise não se debruce tão profundamente sobre cada um desses canais.

Conforme demonstrado anteriormente, os dados do gráfico 4, página 38, mostram que os canais *Nostalgia* e *Débora Aladim* lideram as preferências dos estudantes, sendo escolhido por 11 alunos (57,9%) cada. Essa predominância reflete mais uma vez a relevância de abordagens dinâmicas e acessíveis na captação do interesse dos estudantes. Ambos os canais combinam linguagem informal, bom uso de recursos visuais e conteúdos que dialogam com as curiosidades e necessidades escolares, o que pode justificar sua popularidade. Contudo, é interessante observar a diferença entre os dois canais: enquanto o *Nostalgia* foi criado por um influenciador digital que inicialmente produzia vídeos sobre conteúdos históricos por interesse pessoal – e que hoje conta com o apoio de um historiador na elaboração dos roteiros –, o canal não tem sua origem veiculada diretamente a um professor ou profissional da área. Em contrapartida, *Débora Aladim* é formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como observa Bruno Leal Pastor de Carvalho (2018), no mundo digital “a autoridade do historiador não desapareceu, mas tem sido eclipsada por uma multiplicidade de discursos que, até então, tinham ocupado um papel muito marginal no campo de disputas pelo passado”. (2018, p. 171). Isso evidencia como diferentes vozes podem se apropriar da narrativa histórica, criando conteúdos que muitas vezes priorizam a acessibilidade e o apelo popular em detrimento de uma abordagem mais aprofundada, como é observado nos canais mencionados, que alcançam grande popularidade entre os estudantes, especialmente pelos vídeos com promessas de que “você vai aprender rápido a História”.

²⁸ *Se Liga Nessa História* criado em 2014 pelo professor Walter Solla Junior, licenciado em História pela Universidade de São Paulo (USP) e pelo produtor Ary Neto. O canal reúne mais de 15 professores que oferecem conteúdos de todas as disciplinas cobradas no Enem e vestibulares. Atualmente, possui 1,64 milhão de inscritos e 84.413.538 visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/@SeLigaEnemeVestibulares> e <https://seliga.com.br>. Acesso em: 20 dez 2024.

²⁹ *Impérios Ad* criado em 2018 por Thiago Braga, professor formado pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante (FAVENI). O canal possui 949 mil inscritos e 72.635.434 visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ImperiosAD>. Acesso em: 20 dez 2024.

³⁰ Fundado em 2016 em Porto Alegre por Felipe Valerim (diretor e produtor), Henrique Viana (diretor executivo) e Lucas Ferrugem (diretor e roteirista). O canal aborda temas variados incluindo história, ciência política, filosofia, arte, atualidades e economia. Atualmente, possui 4,17 milhões de inscritos e 448.776.818 visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/brasilparalelooficial> e <https://www.brasilparalelo.com.br>. Acesso em: 20 dez 2024.

A breve análise do canal *Impérios AD* revela que, embora seu público entre os alunos participantes da pesquisa seja menor (31,6%), ele ainda mantém uma relevância significativa, especialmente por seu enfoque na História Militar, que atrai interesse de estudantes interessados nos períodos da Idade Antiga e Idade Média. A utilização de recursos visuais, como animações e mapas interativos, é o diferencial do canal em relação aos demais, o que torna o conteúdo ainda mais atrativo. Além disso, o canal aborda outros temas, incluindo escravidão moderna, Revolução Industrial, as Grandes Guerras, entre outros. O responsável pelo canal é Thiago Braga, formado em História pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Embora não apareça nos vídeos do *Impérios AD*, Thiago também é o criador do canal *Brasão de Armas*, esse segundo se concentra mais na explicação direta, sem o uso de recursos visuais como as animações e a aparição do mesmo é frequente.

Em uma análise sobre os canais de Thiago Braga, Matheus de Moura e Silva (2024) destaca que:

Embora o criador do canal afirme buscar imparcialidade, é perceptível que os conteúdos dos canais conduzidos por Thiago Braga podem apresentar narrativas que se alinham com perspectivas defendidas pela direita política. Os vídeos dos canais de Thiago Braga trazem sempre um sarcasmo e ironia, recursos utilizados pelo mesmo a fim de dinamizar os vídeos e se distanciar dos historiadores dito tradicionais. Através desse sarcasmo, é possível ver que em suas animações há o reforço de estereótipos acerca dos professores, vistos como vilões que distorcem a história, corroborando assim a ideia de que os professores são doutrinadores e que a narrativa que o vídeo traz é a verdade que “eles não querem que você saiba” (p. 364-365).

Essa abordagem gera preocupação, especialmente pelo fato de que, ainda que de forma limitada, o canal tem gradualmente alcançado o público estudantil, um grupo que, em geral, ainda não possui a maturidade de conhecimentos e consciência histórica necessárias para avaliar criticamente os conteúdos apresentados. O perigo reside na abordagem vinculada ao viés ideológico, que pode distorcer a percepção histórica, especialmente quando o público ainda está em fase de formação dessa consciência. Assim, torna-se imprescindível não apenas um olhar atento às fontes e narrativas utilizadas, mas também uma reflexão mais aprofundada sobre o contexto político e as implicações das informações transmitidas.

Um exemplo dessa problemática pode ser observado no canal de Thiago Braga, que reforça a complexidade de consumir conteúdo educacional na era digital, especialmente conteúdos históricos e em plataformas como o *YouTube*. Embora o canal se destaque pelo uso inovador de recursos visuais, o viés político, perceptível através do sarcasmo e das ironias, evidencia a importância de uma postura crítica por parte dos espectadores. Nesse contexto, é fundamental que os consumidores desses conteúdos compreendam que, como apontado por

Matheus de Moura (2024), existem uma série de parâmetros que são aprendidos e praticados com rigor, para evitar que erros já refutados na historiografia se perpetuem. Esses princípios são essenciais para uma interpretação crítica e aprofundada da História, algo que, no caso de Braga, deixa a desejar enquanto profissional da área, já que sua abordagem muitas vezes desconsidera esses aspectos essenciais da prática historiográfica.

Em contraste, o canal *Se Liga Nessa História*, escolhido por quatro alunos (21,1%), apresenta um alcance ainda menor, possivelmente devido ao formato das vídeo aulas, em que o professor Walter Solla aparece explicando os conteúdos, assemelhando-se com a forma mais tradicional. Apesar de utilizar recursos visuais, como imagens, o canal não os explora tanto quanto os anteriormente citados. Além disso, a abrangência de disciplinas ofertadas pelo canal, que não se limita apenas à História, pode contribuir para a preferência reduzida entre os estudantes.

Por fim, o canal *Brasil Paralelo*, com apenas dois alunos (10,5%), aparece como a opção menos acessada. Ressalto que sua inclusão entre as opções se deu pelo fato de ter ouvido, em algumas ocasiões, durante as aulas, menções ao canal, bem como comentários de alguns alunos sobre o acesso e consumo de seus conteúdos. Esse resultado poderia indicar uma menor identificação dos estudantes com a abordagem adotada pelo canal, frequentemente associado a perspectivas historiográficas que nem sempre dialogam com as expectativas ou contexto educacional tradicional, mas é possível atribuir o baixo acesso ao fato de que, apesar da alta qualidade de produção, os vídeos não atendem diretamente às necessidades escolares, pois não abordam assuntos específicos do currículo escolar, o que poderia ser útil para o desenvolvimento das atividades.³¹

Para dar continuidade à análise, uma nova pesquisa foi realizada em 2024, desta vez com os alunos do 9º ano, que compunham o 8º no ano anterior. De uma turma composta por 20 alunos, 14 responderam ao questionário. O principal objetivo desta segunda pesquisa foi investigar se esses estudantes continuavam utilizando o *YouTube* como ferramenta para

³¹ Apesar disso, é importante considerar que o canal *Brasil Paralelo* tem sido objeto de análises críticas e reportagens investigativas que discutem seu propósito e estratégia editorial. De acordo com o *The Intercept Brasil* (2024), o canal reinterpreta episódios históricos a partir de uma perspectiva ideológica específica, frequentemente alinhada as pautas conservadoras e revisionistas, o que reforça seu direcionamento para um público definido. Outra matéria do mesmo veículo ressalta que, mesmo com sua popularidade em alguns setores, o conteúdo do canal e das demais plataformas do *Brasil Paralelo* não é apropriado para o ambiente escolar, incluindo escolas privadas, devido ao seu descompasso com as demandas pedagógicas e objetivos formativos das instituições de ensino. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/11/28/brasil-paralelo-produtora-de-extrema-direita/>. Acesso em: 02 jan 2025. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/11/29/escolas-mesmo-privadas-nao-sao-lugar-da-brasil-paralelo/>. Acesso em: 02 jan 2025.

complementar o aprendizado, sobretudo na disciplina de História e se já apresentam alguma postura mais crítica em relação aos vídeos consumidos. O questionário aplicado incluiu doze questões, assim como no primeiro, sendo as três iniciais, relacionadas a dados pessoais que não serão abordadas neste estudo, a fim de preservar a privacidade dos estudantes.

Após a identificação, a quarta pergunta buscou saber se os alunos dessa turma ainda continuam utilizando o *YouTube* para aprender/estudar História, considerando sua experiência no ano anterior. O gráfico (Gráfico 6) a seguir apresenta os resultados, revelando tendências significativas sobre a continuidade ou não desse hábito e permitindo analisar possíveis mudanças no comportamento dos estudantes em relação ao uso da plataforma.

Gráfico 6 – Continuidade da utilização do *YouTube*



Fonte: Elaboração da autora (2024)

O gráfico (Gráfico 6) mostra que a maioria dos alunos 78,6% continua utilizando o *YouTube* como ferramenta de apoio para estudar História e 21,4% indicaram raramente utilizar a plataforma para esse propósito, enquanto nenhum aluno respondeu que não utiliza mais. Esses dados reforçam, mais uma vez, a relevância da plataforma no contexto educacional, destacando-se como um recurso acessível e atrativo. A próxima pergunta, buscou identificar a frequência com que os alunos utilizam o *YouTube* para buscar conteúdos relacionados à disciplina. O gráfico (Gráfico 7) apresenta as respostas e revela que a maioria dos alunos (64,3%) acessam a plataforma algumas vezes por semana para esse fim. Em menor proporção, 21,4% afirmaram buscar conteúdos históricos menos de uma vez por semana, enquanto 14,3% relataram utilizá-la apenas uma vez por semana.

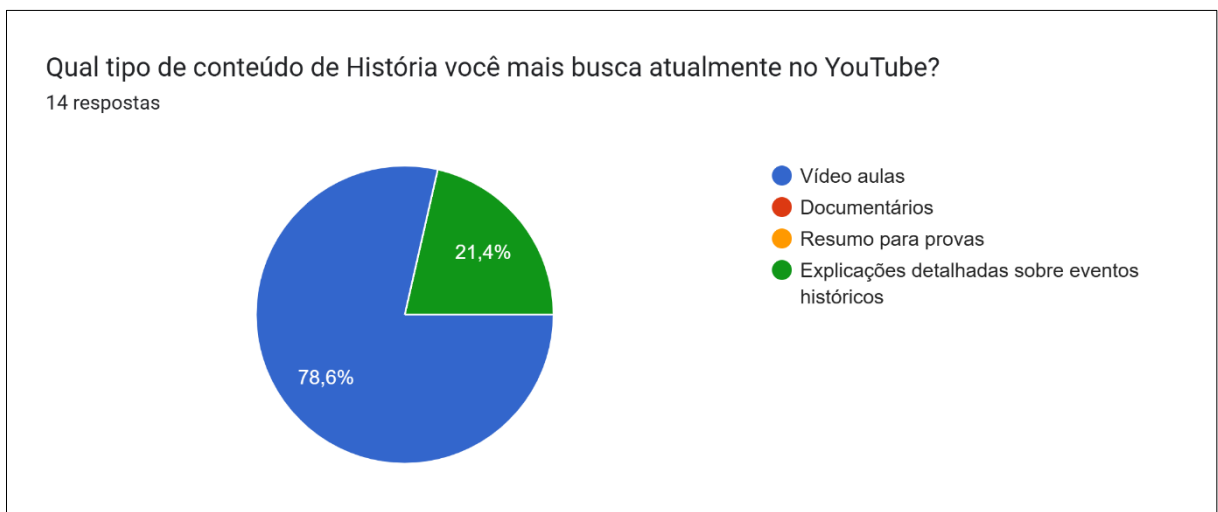
Gráfico 7 – Frequência de uso do *YouTube* para conteúdos de História



Fonte: Elaboração da autora (2024)

Em seguida, nas respostas à questão seis, sobre qual tipo de conteúdo de História eles mais buscam atualmente, observa-se que a maioria (78,6%) diz preferir vídeo aulas, destacando-se como o formato mais acessado. Em seguida, 21,4% indicaram buscar explicações detalhadas sobre eventos históricos. Nenhum aluno optou por documentários ou resumos para provas como os conteúdos mais buscados. Esses dados revelam a preferência por formatos didáticos que se alinhem diretamente com o objetivo de complementar os estudos e reforçam o impacto do *YouTube* nesta prática.

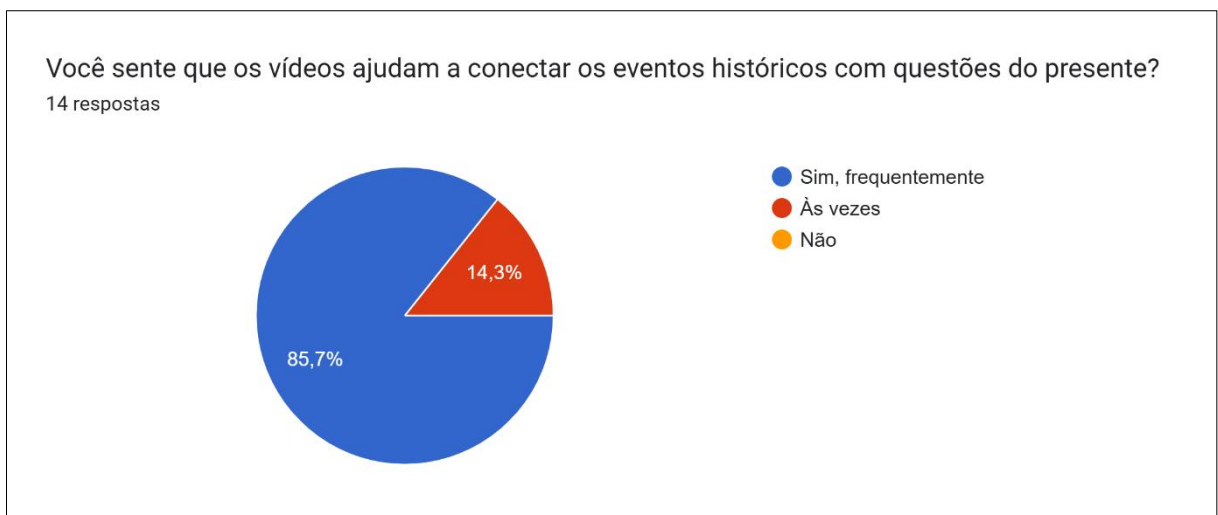
Gráfico 8 – Conteúdos de História mais buscados no *YouTube*



Fonte: Elaboração da autora (2024)

Além das preferências de conteúdo, as respostas da questão sete indicam a maioria dos estudantes (85,7%) percebe os vídeos do *YouTube* como ferramenta que ajudam a conectar eventos históricos com questões do presente (Gráfico 9), enquanto 14,3% relataram que isso ocorre às vezes. Já na questão seguinte (Gráfico 10), 78,6% dos respondentes afirmaram utilizar frequentemente os conteúdos da plataforma para complementar o que aprenderam em sala de aula, e 21,4% indicaram fazer isso raramente. Em ambos os casos, nenhum estudante mencionou não utilizar o recurso.

Gráfico 9 – Conexão entre eventos históricos e questões do presente



Fonte: Elaboração da autora (2024)

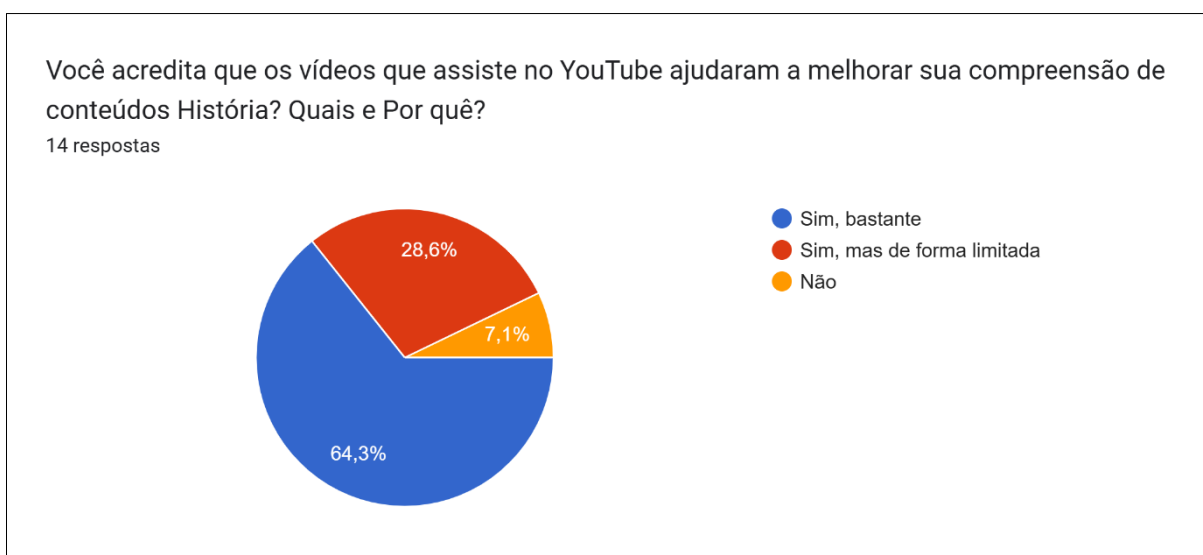
Gráfico 10 – Uso do *YouTube* para complementar o aprendizado



Fonte: Elaboração da autora (2024)

Nas quatro perguntas finais, o questionário avança para uma análise mais específica sobre o impacto dos vídeos do *YouTube* na aprendizagem Histórica. As questões exploram, por exemplo, se os vídeos contribuíram para uma melhor compreensão dos conteúdos, estimularam questionamentos ou pesquisas adicionais, e quais aspectos eles consideram mais importantes ao assistir vídeos de História. Além disso, busca-se identificar a conexão entre os conteúdos estudados em sala de aula e situações atuais.

Gráfico 11 – Compreensão dos conteúdos históricos a partir dos vídeos



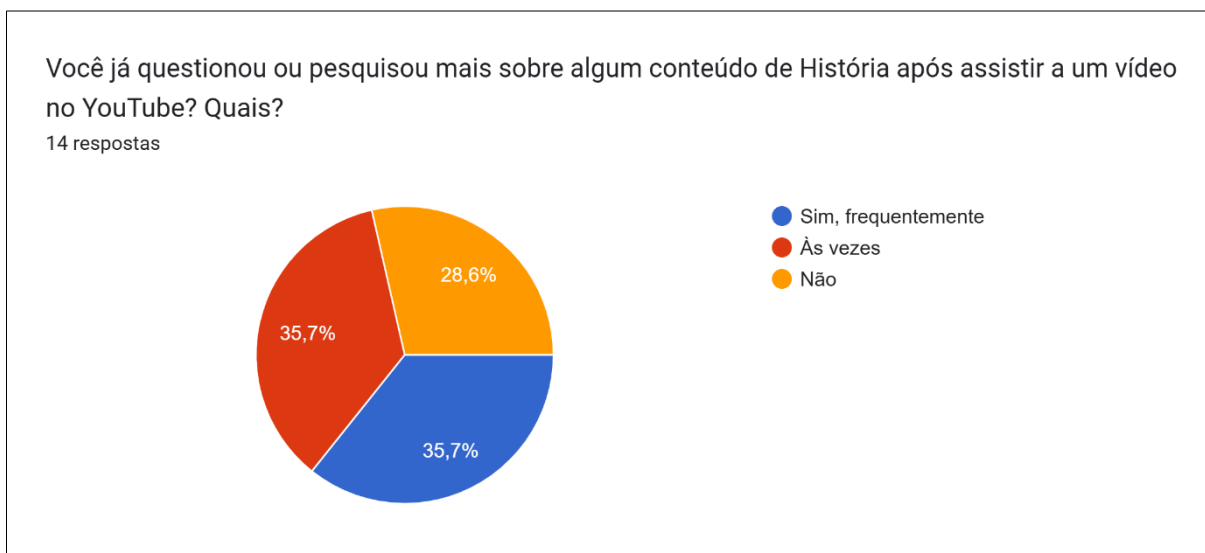
Fonte: Elaboração da autora (2024)

A maioria dos estudantes (64,3%) acreditam que os vídeos assistidos no *YouTube* ajudaram bastante para melhorar sua compreensão dos conteúdos da disciplina (Gráfico 11). Eles apontaram que os vídeos auxiliam no reforço do aprendizado, no esclarecimento das dúvidas pendentes e na oferta de explicações mais práticas e acessíveis sobre temas complexos, como República Velha, Era Vargas, Ditaduras e Guerras Mundiais. Já os 28,6% que atribuíram uma contribuição limitada aos vídeos relataram que, embora úteis, os vídeos não substituem o aprendizado em sala, servindo mais como um material de apoio, sobretudo devido às limitações de tempo nas aulas de História. Por outro lado, 7,1% dos estudantes afirmaram que os vídeos não tiveram impacto relevante.

O gráfico (Gráfico 12) revela que a opinião dos estudantes sobre questionar ou pesquisar mais sobre conteúdos históricos após assistir vídeos no *YouTube* está equilibrada. Exatamente (35,7%) afirmaram que frequentemente realizam essas pesquisas, enquanto outros 35,7% indicaram que isso ocorre apenas às vezes. Por outro lado, 28,6% dos respondentes declaram que não costumam questionar ou buscar informações após assistir aos vídeos. Quando

questionados sobre quais os conteúdos que despertam interesse em realizar pesquisas mais aprofundadas, seja por necessidade de compreensão ou curiosidade, surgiram novamente os mesmos temas citados na questão anterior: Era Vargas, República Velha, Ditaduras, Segunda Guerra Mundial, Revolução Industrial, além de temas específicos, como a morte de Adolf Hitler ou aspectos relacionados aos povos indígenas.

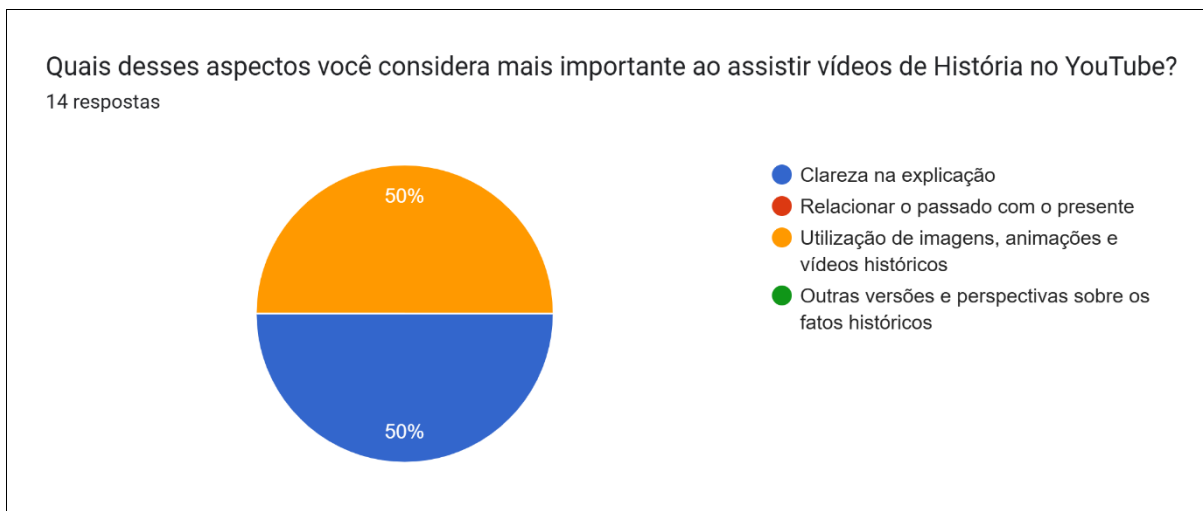
Gráfico 12 – Pesquisas adicionais após assistir vídeos



Fonte: Elaboração da autora (2024)

Abaixo, no gráfico (Gráfico 13) revela que, ao serem questionados sobre quais aspectos consideram mais importantes ao assistir vídeos de conteúdos históricos, os estudantes atribuíram igual importância a dois aspectos principais: clareza na explicação e capacidade de relacionar o passado com o presente, ambos com 50% das respostas. Isso demonstra que valorizam tanto a forma como conteúdo é apresentado quanto sua relevância para compreender os assuntos abordados.

Gráfico 13 – Aspectos importantes para assistir os vídeos



Fonte: Elaboração da autora (2024)

A última questão buscou identificar quais conteúdos históricos estudados ao longo do ano letivo os estudantes mais recordam e se percebem alguma relação entre esses temas e a realidade atual. As respostas apresentaram uma variedade de tópicos históricos, com destaque para a Era Vargas, Ditaduras – tanto no Brasil quanto na América Latina, Guerras Mundiais, República brasileira e Revoluções: *“Ditaduras da América Latina, governo Vargas e outros depois dele, etc”*; *“Ditadura Militar, Brasil Nova República, Era Vargas, Primeira e Segunda Guerra, Fascismo e Nazismo”*; *“Era Vargas, pois o que aconteceu naquele tempo impactou no que vivemos hoje.*

Além disso, associam esses conteúdos a questões contemporâneas como xenofobia, racismo, golpes de estado, conflitos políticos e econômicos e o aprendizado histórico para evitar a repetição de eventos como ditaduras, *“República brasileira com seus golpes de Estado, que todo cidadão deveria saber para não termos uma ditadura novamente”*. Essa percepção, ainda que pequena, sugere que alguns estudantes conseguem relacionar eventos passados com contexto atual, compreendendo que a história exerce influência direta sobre as estruturas e os desafios vivenciados na atualidade.

A aplicação deste segundo questionário proporcionou, a partir das respostas dadas às questões, um material de análise que, alinhado à proposta de pesquisa-ação de David Tripp (2005) – entendida como *“uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, de modo que possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”* (TRIPP, 2005, p. 445) – se configurou como uma oportunidade de reconhecer minha prática docente à luz das mudanças observadas nos

estudantes, que indicam um amadurecimento, ainda que inicial, em sua capacidade crítica e reflexiva.

Essas pequenas mudanças podem ser observadas nas respostas em que uma parte dos alunos afirmam que alguns vídeos ajudam a conectar eventos históricos às questões do presente, bem como no aumento das pesquisas adicionais após assistirem aos vídeos. Esses resultados demonstram uma valorização maior pela clareza das explicações e pela relevância contextualizada dos conteúdos. Além disso, identificar que a maioria dos estudantes manteve o hábito de utilizar a plataforma para estudar História, reforçou a importância de planejar aulas que não apenas dialoguem com as tecnologias acessadas pelos alunos, mas que também promovam cada vez mais a capacidade de questionar e contextualizar os conteúdos.

Contudo, apesar desses avanços, o processo de conscientização ainda se mostra gradual. Embora os alunos mostrem maior disposição para questionar e se aprofundar nos conteúdos históricos, é necessário seguir aprimorando minha prática, ajustando-a continuamente às demandas da era digital e aos desafios impostos por essas novas formas de consumo de informação. Assim, essa reflexão prática permitiu “ter clareza a respeito, tanto do que estamos fazendo, quanto do porquê o estamos fazendo” (TRIPP, 2005, p. 449), reforçando que o processo de ensino de História não se restringe à transmissão de conteúdo, mas inclui, sobretudo, o estímulo ao pensamento crítico e à formação cidadã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento da internet e o avanço contínuo das tecnologias de comunicação nos coloca em um cenário marcado por um dinamismo crescente no fluxo de informações que, agora, podem ser compartilhadas instantaneamente, superando barreiras geográficas. Essas transformações promovidas pelas novas tecnologias de informação têm impactado profundamente a cultura, as dinâmicas sociais e, de forma significativa, o campo educacional. Nesse contexto, o ensino de História, enquanto um campo fundamental para a formação de identidades e de cidadãos críticos, tornou-se um espaço de intensos tensionamentos e disputas teóricas e ideológicas, frequentemente potencializados pelos ambientes digitais.

Nesse cenário, os professores, especialmente os de História, enfrentam desafios substanciais diante da diversidade de narrativas históricas disponíveis nos ambientes digitais. Entre essas plataformas, em especial o *YouTube* se destaca como um espaço de ampla disseminação de conteúdos sobre o passado, exemplificando as transformações promovidas pelas tecnologias digitais de comunicação. A ascensão da plataforma resultou na criação de inúmeros canais dedicados à transmissão de conteúdos históricos, construindo um extenso repertório de vídeos sobre o passado, cuja difusão tem impactado, de diferentes formas, o ambiente escolar, tornando-se, em certa medida, um desafio para o ensino de História.

À vista disso, este estudo surgiu da necessidade de compreender como os estudantes têm buscado e interpretado informações históricas disponíveis nas mídias digitais, principalmente no *YouTube*. Essa questão começou a se delinear a partir de experiências práticas vivenciadas em sala de aula, quando observei o uso recorrente de vídeos da plataforma como recurso de aprendizagem. O que começou com uma inquietação prática, evoluiu para reflexões mais profundas que culminaram nesta pesquisa, contudo, é importante reconhecer os limites do estudo realizado.

Diversas questões relevantes surgiram ao longo da investigação, mas nem todas puderam ser respondidas de maneira satisfatória, um dos principais desafios foi o pequeno público de estudantes envolvido, todos provenientes de uma única escola privada da cidade, com turmas restritas ao Ensino Fundamental II. Essas limitações abrem espaço para que o presente trabalho possa se desdobrar em pesquisas ampliadas futuramente, especialmente em contextos mais abrangentes, pois, para além da investigação realizada no colégio escolhido, a temática em apreço não deve ser exclusiva da instituição desse estudo. Trata-se de uma

tendência geral, que inclui tanto instituições privadas, quanto públicas, estando mais intimamente relacionada ao processo de aprendizado do que com as instituições em si.

É de grande relevância compreender como os estudantes contemporâneos têm utilizado plataformas como o *YouTube* para aprender História, o impacto desses vídeos na construção de uma consciência histórica crítica e as repercussões na sala de aula. Além do que, essa discussão também engloba os desafios enfrentados pelos professores diante das múltiplas narrativas presentes no ambiente digital, que muitas vezes envolvem disputas teóricas, ideológicas e até revisionismos históricos. Assim, embora esta monografia tenha dado um passo inicial, ela aponta para a necessidade de estudos mais amplos e aprofundados.

As discussões e análises apresentadas nos capítulos anteriores concentraram-se em compreender como os estudantes do *Colégio Tempus* têm se relacionado com a diversidade de conteúdos digitais. A investigação abordou aspectos como os padrões de consumo, as motivações e as finalidades do uso dessa plataforma, além de explorar como esses alunos avaliam e interpretam informações históricas disponíveis *online*. Essa abordagem não se limitou a identificar tendências, mas também buscou problematizar o papel das plataformas digitais, especialmente do *YouTube*.

O recorte apresentado mostra a relação dos estudantes com seus interesses de pesquisa e a questão da autonomia no sentido da busca por informações do próprio interesse. Os dados da análise revelaram que, embora os estudantes acreditem no potencial do *YouTube* como ferramenta de aprendizado, seu uso frequentemente se limita à busca por conteúdos simplificados, focados apenas na memorização de fatos/eventos históricos para realização de avaliações, em detrimento de uma abordagem crítica. Foi possível observar que a plataforma é amplamente utilizada, especialmente para complementar as aulas, mas seus vídeos, em grande parte, oferecem explicações superficiais que não incentivam a análise historiográfica, essencial para a formação de uma consciência histórica.

Apesar do interesse em buscar ferramentas que auxiliem no aprendizado, o acesso a plataformas como o *YouTube* pode proporcionar uma imersão em uma vasta quantidade de informações, mas isso não garante a produção de algum conhecimento. O uso acrítico dessas informações pode reforçar o que Flávia Caimi (2015) chama de “conhecimento vazio”, carecendo de uma contextualização e da reflexão necessária no ensino de História. Nesse contexto, o papel do professor permanece essencial e central, sendo fundamental para garantir

que o conhecimento histórico seja abordado de forma significativa, promovendo a análise e a reflexão crítica dos estudantes.

Portanto, essa limitação dos vídeos do *YouTube* em não cumprirem com o papel de formar uma consciência histórica crítica reforça que, apesar da crise informacional e dos desafios impostos pela cultura digital, o papel da docência ainda é insubstituível. Nesse sentido, a perspectiva de Maurice Tardif (2002) sobre os professores como sujeitos do conhecimento ganha relevância. Para o autor, os professores não devem ser vistos como meros transmissores de saberes externos, “mas como sujeitos competentes que detém saberes específicos ao seu trabalho” (TARDIF, 2002, p. 230), que estruturam e orientam suas atividades pedagógicas com base no saber-fazer adquirido ao longo de sua experiência. Isso reforça a importância da prática docente não só como mediadora do conteúdo, mas como um espaço de reflexão, análise e construção do pensamento crítico, elementos que são impossíveis de serem plenamente reproduzidos por vídeos simplificados ou pela lógica das plataformas digitais.

A análise dos dados obtidos através deste estudo permitiu, enquanto professora e historiadora, compreender mesmo de forma limitada, as complexas interações entre os estudantes, as ferramentas digitais e o processo de construção da consciência histórica. Nesse contexto, a relevância deste estudo se evidencia na busca por entender como os estudantes têm buscado e interpretado informações históricas disponíveis nas mídias digitais, principalmente no *YouTube*. Compreender essa tendência é fundamental para o desenvolvimento contínuo da prática docente, pois oferece perspectivas sobre como adaptar metodologias e garantir que a mediação crítica continue sendo promovida por nós, professores.

A resposta de uma aluna ao questionário, ao afirmar que “*nenhum supera os professores que dão aulas presenciais (os bons)*”, quando ela destaca “*os bons*” reforça essa perspectiva, ao evidenciar a relevância do professor(a) qualificado(a) como mediador(a) no processo de aprendizagem. Pois, nesse processo, “não basta, por suposto, possuir conhecimentos históricos, ter alguma formação pedagógica ou conhecer algo de psicologia da aprendizagem” (Caimi, 2015, p. 112), mas é imprescindível dominar os saberes a ensinar, contextualizá-los e transformá-los em conhecimento significativo. O docente que entende o ensino de História e conhece seus alunos é capaz de promover a conexão de informações e a construção de uma consciência histórica crítica. A mediação humana qualificada continua sendo indispensável, mesmo em um cenário repleto de recursos digitais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BOER, Livia Aparecida. **Música, ensino de história e história pública digital: usos e possibilidades do Youtube como recurso metodológico**. 2022. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2022.
- BONSANTO, André. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: um olhar sobre o revisionismo histórico para além das fake News. **Liinc em Revista**, v. 17, nº1, p. 1-18. Rio de Janeiro, maio 2021.
- BURGESS, Jean. & GREEN, Joshua. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? **História e Ensino**, v.21, nº2, p. 105-124. Londrina, jul./dez.2015.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor. Onde fica a autoridade do historiador na era digital? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 169-174.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Tradução de: *L'écriture de l'histoire*.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2011.
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, nº31, p. 7-22, jan./abr.2006.
- COSTA, Marcella Albaine da. **Ensino de História e Historiografia Escolar Digital**. Rio de Janeiro, 2019.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. In. **Revista História Hoje**, v.2, nº4, p. 19-34, 2013.
- FERREIRA DE SOUZA, Raone. **Usos e possibilidades do Podcast no Ensino de História**. Rio de Janeiro, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JUNIOR, OSVALDO RODRIGUES. Por que um canal no YouTube mentiria?: a relação entre os estudantes do ensino médio e os conteúdos históricos divulgados no YouTube. **Revista História Hoje**, v.11, nº22, p. 366-388, 2022.
- JORENTE, Maria José Vicentini. **Impacto das tecnologias de informação e comunicação: cultura digital e mudanças sócios-culturais**. João Pessoa, 2012.

LEE, Peter. **Literacia histórica e história transformativa**. Educar em revista, Curitiba, Brasil, nº 60, abr./jun. 2016.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História? uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **Hist. Historiografia**. Ouro Preto, n. 15, ago 2014.

MENESES, Sônia. In ALMEIDA, Juniele R.; MENESES, Sônia. **História Pública em Debate**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Consciência e Educação Histórica. Em: **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. ed. [e-book], 2021.

PALFREY, John. GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PRADO, Maria Ligia. Defesa do ensino de História nas escolas. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (orgs.). **Novos combates pela História: desafios – ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021. p. 51 a 81.

ROMERO, Mariza. Entrevista de François Hartog. In: **Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 35, nº 70, 2015.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da História**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

ROSA, Andreia Silvana da. **História em tempos de YouTube: Uma análise acerca da História difundida pelo canal Nostalgia**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: um desafio democrático aos historiadores. In: **Coleção História do Tempo Presente: Volume II / Tiago Siqueira Reis et al.** (orgs). Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SILVA, Matheus de Moura e. Revisionismo e negacionismo histórico em tempos de YouTube. **Revista Lampiar**, v.03, nº.01, Mossoró, fev 2024.

SCHMIDT, Maria A. dos Santos. GARCIA, Tania M. F. Braga. A formação da consciência histórica e o cotidiano em aulas de História. **Caderno CEDES**: Campinas. Vol. 25, nº 67, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A teoria da consciência histórica e sua contribuição para a construção de matrizes da didática da educação histórica. In: CAVALCANTI, Erinaldo, ARAÚJO, Raimundo Inácio Souza, CABRAL Geovanni Gomes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Org.). **História: demandas e desafios do tempo presente. Produção acadêmica, ensino de história e formação docente**. São Luís: EDUFMA, 2018.

SANTOS, Márcio Tavares dos. **Memória cinematográfica: a reconstrução histórica das ditaduras brasileira e chilena através da produção fílmica de Lúcia Murat e Pablo Larraín**. 2015. 176f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. ed.17, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Revista Educação e Pesquisa** v. 31, n. 3, set./dez. São Paulo: USP, 2005. p. 443-466.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa. **Revista Brasileira de História**, v.41, nº 87, São Paulo, 2021.

ZAROTTI MOREIRA, Pedro. **Tuas ideias não correspondem aos fatos: o ensino de História e o revisionismo ideológico em difusão na atualidade**. Campinas, São Paulo, 2022.

APÊNDICE

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO DE 2023

1. Nome completo.
2. Idade.
3. Ano.
4. Você visualiza vídeos no YouTube?
5. Qual o conteúdo dos vídeos que você assiste no YouTube?
6. Com que frequência na semana você acessa o YouTube?
7. Quanto tempo você utiliza no dia o YouTube?
8. Assinale o dispositivo que você mais utiliza para acessar o YouTube:
 - a) Desktop (computador de mesa)
 - b) Notebook
 - c) Smart TV
 - d) Smartphone (celular)
 - e) Tablet
9. Quais as principais razões que te levam a utilizar o YouTube para aprender/buscar conhecimento?
10. Você acha que o YouTube pode ser utilizado para aprender História? Por quê?
11. Quais assuntos de História você gosta ou gostaria de aprender utilizando o YouTube?
12. Quais dos canais abaixo você conhece e assiste quando quer saber de algum conteúdo histórico:
 - a) Nostalgia – Felipe Castanhari
 - b) Débora Aladim
 - c) Se Liga Nessa História
 - d) Impérios AD – animações
 - e) Brasil Paralelo

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO DE 2024

1. Nome completo.
2. Idade.
3. Ano.
4. Você continua utilizando o YouTube como ferramenta de apoio para estudar História?
5. Com que frequência você utiliza o YouTube para buscar conteúdos relacionados à História?
6. Qual tipo de conteúdo de História você mais busca atualmente no YouTube?
7. Você sente que os vídeos ajudam a conectar os eventos históricos com questões do presente?
8. Você utiliza os conteúdos do YouTube para complementar o que aprendeu em sala de aula?
9. Você acredita que os vídeos que assiste no YouTube ajudaram a melhorar sua compreensão de conteúdos históricos? Quais e Por quê?
10. Você já questionou ou pesquisou mais sobre algum conteúdo de História após assistir a um vídeo no YouTube? Quais?
11. Quais desses aspectos você considera mais importante ao assistir vídeos de História no YouTube?
 - a) Clareza na explicação.
 - b) Relacionar o passado com o presente.
 - c) Utilização de imagens, animações e vídeos históricos.
 - d) Outras versões e perspectivas sobre os fatos históricos.
12. Durante esse ano letivo dos conteúdos estudados em sala de aula, qual você se lembra? Tem alguma relação parecida com a situação que vivemos na atualidade?